



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA**

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

MANUEL CARLOS LOPES GARCIA

**A NOVA EVANGELIZAÇÃO NA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA
“EVANGELII GAUDIUM” DO PAPA FRANCISCO.**

Dissertação Final de Mestrado Integrado em Teologia

Sob orientação de:

Prof.^a Doutora Teresa de Jesus Rodrigues Marques de Sousa Messias

**Lisboa
2019**

“Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos”.

Mt 28, 19-20

Resumo

A nova evangelização é a ação de levar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo de forma nova e renovada. Esta saída para anunciar o Evangelho de forma nova e renovada é fruto dum grande acontecimento na história do povo cristão, a que nós chamamos ressurreição. Sem a ressurreição de Jesus, a evangelização e tudo aquilo que nos motiva a sair seria em vão. Assim sendo, a nova evangelização é um levar o Evangelho sempre de forma nova e atualizada. Ela é também um compromisso a assumir com afinco e determinação. É também uma forma nova de estar na Igreja, usando novos métodos e novas formas de dizer e fazer as coisas.

É nesta dinâmica que o tema da nova evangelização é vista na *Evangelii gaudium* (EG) de papa Francisco. O Papa Francisco trouxe com o seu gesto profético uma nova forma ousada de viver e levar o Evangelho. Esta forma de viver o Evangelho é fruto duma alegria que habita os corações daqueles que experimentaram a misericórdia de Deus. Por isso, o Papa Francisco desafia-nos a sair ao encontro das pessoas, conhecer suas histórias e partilhar com elas a experiência do amor de Deus em nós.

A nova evangelização parte de Cristo e toda a realidade é lida a partir de Cristo. O cristão é chamado a fazer um discernimento e ler a realidade à luz do Evangelho e redescobrir e recuperar o frescor do Evangelho. Nesta leitura concluímos que a EG apresenta um caráter programático com consequências sérias para a reforma da Igreja na sua forma de fazer pastoral.

Palavras-chave: Nova evangelização, Jesus Cristo, *Evangelii gaudium*, missão, Igreja, Papa Francisco.

Abstract

The new evangelization is to bring the Gospel of our Lord Jesus Christ in a new and renewed way. This way of proclaiming the Gospel in a new and renewed way is the fruit of a great event in the history of the Christian people, which we call the resurrection. Without Jesus' resurrection, evangelization and all that motivates us to go out would be in vain. Therefore, the new evangelization is to carry the Gospel always in a new and updated way. It is also a commitment to work hard and with determination. It is also a new way of being in the Church, using new methods and new ways of saying and doing things.

It is in this dynamic that the theme of the new evangelization is seen in Pope Francis' EG. Pope Francis brought with his prophetic gesture a bold new way of living and carrying out the Gospel. This way of living the Gospel is the fruit of the joy that lives in the hearts of those who have experienced God's mercy. This is why Pope Francis challenges us to go out to meet people, learn their stories and share with them the experience of God's love in us.

The new evangelization comes from Christ and all reality is read from Christ. The Christian is called to discern, to read reality in the light of the Gospel and to rediscover and recover the freshness of the Gospel. In this reading we conclude that the EG has a programmatic character with serious consequences for the reform of the Church in the way she does pastoral work.

Keywords: New evangelization, Jesus Christ, *Evangelii gaudium*, mission, Church, Pope Francis.

Siglas e abreviaturas

AAS	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
CL	<i>Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Christifidelis Laici</i>
CELAM	Conferência Episcopal Latino-Americana
Cf.	Conferir
CT	<i>Adhortatio Apostolica Catechesi Tradendae</i>
EG	<i>Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium</i>
LG	<i>Constitutio Dogmatica De Ecclesia Lumen Gentium</i>
nº	Número
ONG	<i>Organização não-governamental</i>
Orgs.	Organizadores
RM	<i>Litterae Encyclicae Redemptoris Missio</i>
vol.	Volume
VS	<i>Litterae Encyclicae Veritatis Splendor</i>
VC	<i>Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Vita Consecrata</i>

Introdução

O presente trabalho de dissertação de mestrado integrado em Teologia tem por tema a nova evangelização tal como é tratada pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*. Propomo-nos entender e aprofundar o que é a nova evangelização na EG e suas consequências para o futuro da Igreja, um futuro que começa hoje, na vida de cada batizado.

Este trabalho insere-se no âmbito da teologia prática. São dois os motivos que nos levaram a escolher este tema. O primeiro tem que ver com a pertinência do assunto nova evangelização de que muito se fala hoje na Igreja. Muitos cristãos dizem que a Igreja precisa de rever suas formas de fazer as coisas, ou seja pensar e repensar sua vida pastoral e responder às suas necessidades mais urgentes. Veem-se confrontados com uma Igreja fechada sobre si mesma e autorreferencial. Com base nisso, vimos a necessidade de escolher um tema que respondesse à nossa inquietude. Encontrámos na Exortação *Evangelii gaudium* de Papa Francisco, um texto adequado para o nosso estudo. Trata-se de uma exortação rica de conteúdo, que analisa os problemas que afetam a vida dos discípulos de Cristo e a vida social em si. Uma Exortação que tem consequências práticas para a vida eclesial. O segundo motivo diz respeito à admiração e apreço que temos pelo Papa Francisco, sobretudo no que toca à sua coragem e a sua capacidade de lidar com adversidade, numa circunstância em que a Igreja atravessa momentos nublados da sua história.

Passamos a apresentar a estrutura do trabalho. O texto é composto por quatro capítulos. No primeiro capítulo procuremos fazer uma curta abordagem histórica de como surgiu a expressão nova evangelização e o impacto que esta teve nos magistérios do Papa São João Paulo II e Bento XVI até ao início do pontificado do Papa Francisco. Em seguida, e de forma breve, abordamos os desafios da nova evangelização e a linguagem da evangelização.

Num segundo capítulo, entraremos na própria EG. Mostraremos como, em que contexto surgiu a EG, procuraremos encontrar uma possível definição da expressão “nova evangelização” e descobrir em que medida a crise e o compromisso comunitário de que fala o Papa Francisco afetam a nova evangelização e alteram as estruturas eclesiais. Ainda à luz do capítulo primeiro da EG, procuraremos descobrir a relação entre a nova evangelização e o compromisso missionário e por fim, entrando no capítulo segundo da EG, analisamos a nova evangelização à luz da crise do mundo atual e os desafios que em certa medida afeta a vida pastoral.

No terceiro capítulo, trataremos da missão enquanto anúncio explícito do Evangelho. Procuremos compreender como o Papa Francisco percebe a missão cristã dentro e fora da Igreja. E, por fim, aprofundaremos os dois modos, dentro da Igreja, de anunciar o evangelho: a homilia e a catequese, nos seus aspetos teológico e pastoral e também nas suas vertentes querigmática e mistagógica. No final do nosso terceiro capítulo, trataremos de modo sucinto da questão do acompanhamento pessoal.

Por último, o quarto capítulo assenta sobre aquilo que hoje diríamos ser o concreto da vida cristã. Procuraremos encontrar as linhas de espiritualidade nos capítulos quarto e quinto da EG e a sua incidência na vida social. Nesta ótica de leitura, procuraremos definir em que consiste a espiritualidade cristã e, na mesma linha de pensamento, compreender qual é a espiritualidade de Papa Francisco e como ele deixa transparecer algo dessa espiritualidade no texto da EG. Dentro desta dinâmica, veremos que lugar ocupam os pobres na EG, a questão do bem comum e da paz social como conjugar estas realidades com a vida do cristão que é chamado a uma evangelização com espírito.

Neste nosso trabalho, a fonte de base é a Exortação *Evangelii gaudium*. Recorremos também a outros documentos do magistério e discursos e mensagens de vários Papas, sobretudo do Papa São João Paulo II e do Papa emérito Bento XVI, sem esquecer algumas

mensagens e discursos do Papa Francisco sobre diversas temáticas, bem como outros estudos, revistas e livros que nos ajudaram a estruturar e a forma de organizar o trabalho. Seguimos o método de integração.

É de salientar que sentimos a necessidade de recorrer a alguns documentos tais como revistas e livros em espanhol para enriquecer a nosso trabalho sobre o tema. O nosso trabalho segue as regras do novo acordo ortográfico.

Perante este trabalho, vimo-nos confrontados com a necessidade de limitar a bibliografia, para não haver a dispersão e também não correremos o risco de entrar em temas que não estão em consonância com o tema proposto. Por este motivo, fomos levados a fazer uma escolha sensata e que fosse de acordo com o tema. Porquê dessa dificuldade? Porque o tema da nova evangelização é muito abordado, em reuniões de formações, encontros de catequese e entre outros tipos de abordagens. Dito de outro modo, o tema nova evangelização é velho na sua origem e novo no seu conteúdo. Isso não invalida a nossa paixão e interesse. O nosso tema ganha maior interesse porque abordamo-lo na Exortação *Evangelii gaudium* do Papa Francisco. Por isso, ele ganha nova dimensão a nível da Igreja e da sociedade.

Cientes da nossa limitação e capacidade, queremos deixar bem claro que com este trabalho, não pretendemos dizer novidades sobre a temática da nova evangelização. Apenas e só, queremos que este trabalho seja proveitoso para todos os que querem compreender o texto da *Evangelii gaudium* e empenhar sua vida na evangelização. E para nós essa reflexão foi muito gratificante. Ajudou-nos a dar mais um passo no processo da conversão e mudança de estilo de vida.

CAPÍTULO I

A nova evangelização: gênese de uma expressão

A Igreja quer com a nova evangelização trazer ao mundo atual, e a todos os problemas que existem no mesmo, a sua mais profunda essência: Jesus Cristo e o seu Reino de justiça e paz. A nova evangelização é um procurar constante por parte da Igreja, o melhor modo de levar sempre a mensagem do Evangelho, de forma nova, a todos. Este levar o Evangelho é um mandato que veio do próprio Jesus, que continua a enviar a sua Igreja a ir a sair, a renovar constantemente o seu compromisso missionário. Compromisso este feito com ajuda de todos os discípulos de Jesus. Por isso, vamos ver como é que a Igreja, através dos Papas, sobretudo João Paulo II, Bento XVI e Francisco, entenderam a nova evangelização.

1. O aparecimento da expressão nova evangelização

Foi em Nowa Huta a 9 de Junho de 1979, que João Paulo II usou pela primeira vez a expressão nova evangelização dizendo: “Iniciou-se uma nova evangelização, quase como se se tratasse de um segundo anúncio, embora na realidade seja sempre o mesmo”¹. Esta expressão veio a ser usado novamente pelo Papa João Paulo II no discurso à 19.^a Assembleia Plenária da CELAM, no Haiti, em 1983 dizendo: “que o compromisso esse passa pela uma evangelização nova no seu entusiasmo, nos seus métodos e expressão”².

¹ JOÃO PAULO II, *Homilia no santuário da santa cruz Mogila*, 9 de junho de 1979, em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790609_polonia-mogila-nowa-huta.html

Consultado em 7 de Março de 2019, às 12: 47.

² JOÃO PAULO II, *Discurso na abertura da XIX assembleia do CELAM*, 9 de março de 1983, em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html

Consultado a 15 de dezembro de 2018, às 01:19.

O Papa João Paulo II falou a um povo cuja história está marcada pela fé católica, chamando a atenção para a necessidade dum maior aprofundamento e vivência da fé, tendo em conta toda a dimensão religiosa da mesma fé, apelando a uma maior vivência dos sacramentos.³ Para o Papa João Paulo II, a nova evangelização é uma convicção e uma ação que partem dum certo entusiasmo, entusiasmo de quem se sente convertido ao Evangelho. Para que esse entusiasmo dure é preciso usar métodos para implementar os projetos no processo da evangelização, criando novas expressões que ajudem a dinamizar a mensagem.

Assim sendo, sentiu-se a necessidade de anunciar o evangelho nas sociedades secularizadas, de mostrar que Jesus Cristo é eterna novidade, que responde às expectativas de mulheres e homens de cada época, e que a sua mensagem necessita de ser comunicada de forma adequada em todos os âmbitos sociais e culturais que se encontrem em constantes transformações⁴.

A nova evangelização é um assunto apaixonante, mas é difícil entender a sua amplitude⁵. O que é difícil de apreender é o uso do adjetivo “nova”, por causa do mandato da evangelização⁶. O adjetivo “nova” refere-se sobretudo a uma nova forma de estar da Igreja diante do mundo e das realidades que nos cercam.⁷ Não se trata de inventar coisas novas, porque o Cristo é sempre o mesmo. É preciso tocar o mundo na sua estrutura sociocultural e transformá-lo de modo sereno, como uma semente lançada à terra.

O adjetivo “nova” não significa fazer guerra ao passado, denunciá-lo ou menosprezar o conjunto de trabalhos missionários feitos até agora na história da Igreja. Significa e pretende repensar as práticas pastorais indo às origens, à fonte do Evangelho⁸. A nova evangelização é a capacidade da Igreja viver e testemunhar a sua experiência do Ressuscitado de forma renovada, sem esquecer o valor crucial que a vida comunitária tem nesse testemunho de fé e

³ Cf. A. G. BARBOSA, *A nova evangelização*, Paulinas, Lisboa, 1994, 113.

⁴ Cf. L. BRESSAN, “O que é a nova evangelização”, *Pastoral catequética*, Ano X, nº 28/29 (Jan/Ago 2014) 14.

⁵ Cf. D. REY, “A nova evangelização”, *Pastoral catequética*, Ano X, nº 28/29 (Jan/Ago 2014) 27.

⁶ Cf. *Ibidem*, 27.

⁷ Cf. *Ibidem*, 28.

⁸ Cf. *Ibidem*, 28.

de anúncio no meio das incompreensões, indiferenças que as novas situações culturais e sociais levantam. A nossa sociedade, de modo geral, sofreu transformações profundas num intervalo de poucos anos, caracterizada pela crise dos fluxos migratórios, por problemas financeiros e pela mestiçagem das civilizações. A revolução informática também é um dos fatores que marcam a nossa sociedade de forma profunda, perturbando de uma certa forma a relação com o tempo e o espaço, mudando a nossa concepção do mesmo.

Hoje, com as redes sociais, é possível falar com pessoas do outro lado do continente e desconectarmo-nos por completo de aqueles que se encontram à nossa volta e que, muitas vezes, precisam de nós e da nossa ajuda.

O nosso mundo atravessa uma revolução genética e bioética, marcada pela tentação de subjugar a vida humana desde a sua origem e construir uma nova humanidade, correndo o risco de selecionar somente aqueles que correspondem ao critério da “normalidade”⁹. Por isso, a nova evangelização, de que muito se fala hoje em dia, requer como disse o Papa João Paulo II no seu discurso à 19ª Assembleia da CELAM, novo ardor, novos métodos e novas expressões para poder acompanhar a rapidez com que se transforma a sociedade¹⁰.

Nova evangelização é reforma da expressão da fé, uma disposição espiritual que dá oportunidade à Igreja de se posicionar frente à história do mundo de uma maneira nova, uma modalidade nova e capaz de levar de novo a questão de Deus ao coração dos homens e das mulheres do nosso tempo¹¹. A nova evangelização pretende trazer ao mundo atual e às suas polémicas a sua mais profunda essência, a luz do Ressuscitado, Jesus Cristo, de modo a modificar as consciências individuais e comunitárias, com o intuito de nos levar à conversão de coração¹².

⁹ Cf. *Ibidem*, 29.

¹⁰ Cf. JOÃO PAULO II, *Discurso na abertura da XIX assembleia do CELAM*, 9 setembro de 1983, em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html
Consultado a 15 de dezembro de 2018, às 01:19.

¹¹ Cf. L. BRESSAN, “O que é a nova evangelização”, 15.

¹² Cf. W. KASPER, “A nova evangelização”, *Pastoral Catequética*, Ano VII-IX, nº 24/25 (Set/Abr 2012/2013) 92.

Em suma, podemos entender a nova evangelização como uma ação missionária dirigida a todos os batizados que, de uma forma ou outra, não vivem a fé por diversos fatores tais como: não praticarem a justiça por desleixo espiritual, viverem laicizados numa cultura da descrença¹³. Sem dúvida, toda a evangelização é sempre nova em virtude da graça do batismo, visto que é no batismo que nascemos de novo para uma vida nova de graça¹⁴.

2. O impacto da nova evangelização no Magistério dos Papas João Paulo II e Bento XVI

2.1. O Papa João Paulo II e a nova evangelização

Para falarmos do impacto que a nova evangelização teve no Magistério de João Paulo II, optamos por consultar alguns documentos para termos uma ideia de como entendia a nova evangelização e em que contexto empregava a expressão. Esses documentos são os seguintes: Exortação *Chistifideles Laicis* publicado no dia 30 de dezembro de 1988, que aborda a questão da vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo, a Encíclica *Redemptoris Missio* publicado no dia 7 de dezembro de 1990, que fala sobre a validade permanente do mandato missionário, a Exortação *Veritatis Splendor* publicado no dia 6 de agosto de 1993 que fala sobre algumas questões fundamentais do ensino moral da Igreja e por último, a Exortação *Vita Consecrata* de 25 de março de 1996 que fala sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. Podíamos escolher mais documentos mas, optamos por esses quatro documentos dado que são os principais documentos que abordam o assunto, para isso, optamos por nos limitarmos a esses.

Na Exortação *Chistifideles Laicis*, o Papa João Paulo II diz que só uma nova evangelização poderá ajudar no processo do crescimento da nossa fé, torná-la mais límpida e

¹³ Cf. C. FLORISTÁN, *Para compreender a evangelização*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1997, 67.

¹⁴ Cf. F. R. dos S. GILOT, “Em busca da significação teológica da nova evangelização”, *Itinerarium*, Ano XL, nº 148 (Jan/Abr 1994) 9.

profunda e que esta nova evangelização é dirigida a todas as pessoas nas suas diversas situações, ambientes e culturas, com a finalidade de criar comunidade eclesiais maduras, onde a fé possa crescer, numa maior adesão à pessoa de Cristo e ao Seu Evangelho¹⁵. A Igreja por sua vez, ao dar conta da urgência da nova evangelização, tem ainda maior responsabilidade de levar o Evangelho a milhões de homens e mulheres que ainda não conhecem o Redentor do homem¹⁶. A grande responsabilidade recai sobre a Igreja sobre cada um de nós, no processo de anunciar o Evangelho.

Na Encíclica *Redemptoris Missio* o Papa João II diz que sente chegar o momento de empenhar forças eclesiais no processo da nova evangelização e que nenhum crente ou instituição eclesial se sintam fora dessa tarefa de anunciar Jesus Cristo a todos os povos, esta é a tarefa e o dever de todos os batizados¹⁷, não só dos religiosos ou religiosas, bispos ou presbíteros. É preciso recomeçar a olhar para a realidade e ver onde e como atuar. João Paulo II acha que é preciso olhar para os países da antiga tradição cristã, para as Igrejas mais jovens, onde muitos batizados perderam o sentido da fé, não se reconhecendo como membros da Igreja e vivendo distantes de Cristo, por isso, salienta o Papa, é preciso uma nova evangelização ou reevangelização¹⁸. Às vezes estamos muito preocupados em ir anunciar aos que estão longe a Boa Nova, e descuidarmos os que estão à nossa volta. Diz o Papa João Paulo II que a preocupação das Igrejas da antiga tradição cristã deve ser “*ad intra*”, ou seja, fazerem uma nova evangelização com os não cristãos da própria casa, em vez de pensarem em ser missionários dos não cristãos dos outros países ou continente e que esta evangelização “*ad intra*” deve ser um estímulo para realizar a outra “*ad extra*” e vice-versa¹⁹.

O Papa João Paulo, conhecendo a realidade social, apela para a evangelização dos ricos, para que esses possam partilhar dos seus bens com os mais necessitados. Para isso, João Paulo II diz que a nova evangelização não é só anunciar Cristo àqueles que perderam o sentido da

¹⁵ Cf. JOÃO PAULO II, *Litterae Encyclicae Chistifideles Laici*, nº 34, in AAS 81 (14 Aprilis 1989) 454.

¹⁶ Cf. *Ibidem*, nº 35, in AAS 81 (14 Aprilis 1989) 457.

¹⁷ Cf. JOÃO PAULO II, *Litterae Encyclicae Redemptoris Missio*, nº 3, in AAS 83 (8 Aprilis 1991) 252.

¹⁸ Cf. *Ibidem*, nº 35, in AAS 83 (8 Aprilis 1991) 280.

¹⁹ Cf. *Ibidem*, nº 34, in AAS 83 (8 Aprilis 1991) 279.

fé, mas é também uma forma de fazer os ricos tomarem consciência de que os pobres precisam deles e tratá-los como irmãos²⁰. Como podemos notar, a nova evangelização não tem em João Paulo II só um sentido, mas de acordo com a necessidade da Igreja, o Papa vai apelando para aquilo que é urgente fazer para que todos sintam e vivam o Reino de Deus.

A nova evangelização tem uma relação estreita com a Moral. O Papa mostra isso na Encíclica *Veritatis Splendor* quando sublinha a relação entre a moral e a nova evangelização dizendo que é pelas verdades da fé, propondo os conteúdos da moral cristã, que a nova evangelização revela a sua identidade e, ao mesmo tempo, expande a sua força missionária, quando faz da palavra anunciada, palavra vivida²¹. A nova evangelização não é só anúncio, é viver aquilo que anunciamos com obras concretas. Trata-se de mostrar um sinal de conversão moral e espiritual na nossa vida, para que os outros possam acreditar no nosso testemunho. Se não há coerência de vida, dificilmente convencemos os outros.

Por último, na Exortação *Vita Consecrata* João Paulo II afirma que a nova evangelização acontece quando nas nossas comunidades, a atenção ajuda a superar a solidão. Quando estamos atentos aos outros, ajudando-os nas suas fraquezas, quando a comunicação impele todos a sentirem-se corresponsáveis, quando o perdão cicatriza as feridas e quando cada um reforça o propósito de fazer a comunhão. Só assim estamos a testemunhar na fidelidade a nossa missão no trabalho apostólico e a mostrar de modo concreto os frutos do amor²².

Salienta ainda o Papa João Paulo II que o futuro da nova evangelização passa pela renovada contribuição das mulheres, sobretudo as consagradas²³. João Paulo II, ciente dos desafios que a história coloca à nova evangelização, apela à vida consagrada para que tenha uma maior abertura à Palavra revelada e esteja atenta aos sinais dos tempos. As pessoas consagradas são chamadas a fazer emergir a unidade entre autoevangelização e testemunho,

²⁰ Cf. *Ibidem*, nº 59, in AAS 83 (8 Aprilis 1991) 307.

²¹ Cf. JOÃO PAULO II, *Litterae Encyclicae Veritatis Splendor*, nº 107, in AAS 85 (9 Decembris 1993) 1216.

²² Cf. JOÃO PAULO II, *Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Vita Consecrata*, nº 45, in AAS 88 (13 Maii 1996) 418.

²³ Cf. *Ibidem*, nº 57, in AAS 88 (13 Maii 1996) 429.

entre renovação interior e ardor apostólico, entre ser e agir²⁴. Em suma, a nova evangelização só será eficaz se antes soubermos proclamar aquilo que antes vivemos em intimidade com o Senhor. Para que isso aconteça, é preciso personalidades sólidas, animadas pelo fervor dos santos²⁵.

2.2. A nova evangelização tratada pelo Papa Bento XVI

No que diz respeito ao Papa Bento XVI, o seu pontificado foi muito mais breve em comparação com o Papa João Paulo II, durando apenas cinco anos. Mesmo assim, não deixou de tocar no tema da nova evangelização. Aliás, levou muito em consideração o tema da nova evangelização. Vamos ver isso, em algumas das suas mensagens e homilias. Na sua primeira mensagem para o dia mundial das missões, a 6 de outubro de 2006, o Papa Bento XVI disse que o amor é a alma da missão, portanto, sem o amor, a missão torna-se uma mera atividade filantrópica e social²⁶. O Amor é o caminho que todos devemos traçar, um caminho que se faz com muita humildade e generosidade, esse caminho faz-se passando para uma nova evangelização que exige o anúncio incessante do Evangelho, uma renovação dos métodos pastorais; só dessa forma, a Igreja revigora a sua fé e identidade²⁷.

Na sua meditação durante a oração da hora tertia na inauguração dos trabalhos sobre o sínodo dos Bispos, intitulada nova evangelização para a transmissão da fé, disse que o objetivo principal da nova evangelização é procurar descobrir a vontade de Deus e também descobrir o que podemos fazer ou devemos fazer no anúncio do Evangelho²⁸. Anunciar o

²⁴ Cf. *Ibidem*, nº 81, in AAS 88 (13 Maii 1996) 457.

²⁵ Cf. *Ibidem*, nº 81, in AAS 88 (13 Maii 1996) 457.

²⁶ Cf. BENTO XVI, *Mensagem para o LXXX dia missionário mundial-caridade, alma da missão*, 22 de outubro de 2006, em http://w2.vatican.va/content/benedict_xvi/pt/messages/missions/documents/hf_ben-xvi_mes_20060429_world-mission-day-2006.html
Consultado a 25 de Janeiro de 2019, às 12:02.

²⁷ Cf. *Ibidem*. Consultado a 10 de março de 2019, às 21:19.

²⁸ Cf. BENTO XVI, *Meditação durante a oração da hora tertia na inauguração dos trabalhos do Sínodo dos Bispos*, segunda-feira 8 de outubro de 2012, em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20121008_meditazione-sinodo.html
Consultado a 10 de março de 2019, às 14:19.

Evangelho é a tarefa fundamental da Igreja no processo da evangelização; evangelizar significa trazer Boa Notícia, anunciar uma vitória, anunciar a felicidade, do bem e da alegria²⁹.

Ainda na sua meditação da hora tertia salientou que a nova evangelização é cooperação com Deus, ou seja, em tudo aquilo que fazemos em primeiro lugar deve estar Deus³⁰. Deus é aquele que anima e dá vigor aos nossos projetos pessoais e comunitários, Ele é o centro de tudo. Esses projetos pessoais e comunitários têm a ver com vida das pessoas, não devem ser coisas abstratas. Neste contexto, na missa de abertura da XIII Assembleia Geral do sínodo dos Bispos sobre a nova evangelização para a transmissão da fé, o Papa Bento XVI disse na sua homilia que a nova evangelização para a transmissão da fé, tem uma orientação prática e é uma temática que tem a ver com a vida da Igreja, das famílias das comunidades e todas as instituições que fazem parte dela³¹.

A evangelização sempre teve como ponto central e último a pessoa de Jesus (cf. Mc 1,1); Ele transforma-nos pela sua graça³². A Igreja existe para anunciar com fidelidade o Evangelho de Jesus Cristo e os discípulos partiram por toda parte para anunciar este mesmo Evangelho, criando comunidades cristãs, e com passar dos tempos essas comunidades se transformaram em Igrejas bem organizadas, com muitos fiéis³³. Hoje os desafios são outros e a nova evangelização está destinada sobretudo às pessoas que, embora sendo batizadas, se distanciaram da comunidade e das práticas de fé³⁴, por isso, a nova evangelização tem como objetivo ajudar as pessoas a descobrirem de novo o Senhor e criar nova relação de amizade,

²⁹ Cf. *Ibidem*. Consultado a 10 de março de 2019, às 14:32.

³⁰ Cf. *Ibidem*. Consultado a 10 de março de 2019, às 22:12.

³¹ Cf. BENTO XVI, *Homilia na Santa Missa para a abertura do Sínodo dos Bispos*, domingo 7 de outubro de 2012, em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121007_apertura-sinodo.html
Consultado a 11 de março de 2019, às 16: 52.

³² Cf. *Ibidem*. Consultado a 11 de março de 2019, às 17: 24.

³³ Cf. *Ibidem*. Consultado a 11 de março de 2019, às 17: 30.

³⁴ Cf. BENTO XVI, *Homilia na Santa Missa para a abertura do Sínodo dos Bispos* domingo, 7 de outubro de 2012, em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121007_apertura-sinodo.html
Consultado a 11 de março de 2019, às 17: 42.

porque é Ele que dá sentido profundo e paz à nossa vida³⁵. As várias transformações sociais que têm surgido, devido à evolução das ciências e das técnicas, são desafios a combater na medida em que a Igreja se deixa regenerar pela força do Espírito Santo e apresenta ao mundo um impulso missionário capaz de promover a nova evangelização³⁶. Portanto, só uma nova evangelização poderá garantir o crescimento de uma fé sólida e profunda, capaz de transformar o mundo e restituir ao homem a verdadeira liberdade³⁷.

Falar da nova evangelização não significa elaborar um programa igual para todos e para todas as circunstâncias. A Igreja necessita de uma renovação constante do seu impulso missionário que é uma expressão de abertura ao dom da graça³⁸. Os programas, os planos são importantes, mas é preciso abrir o coração ao dom da graça, para dar sentido ao nosso impulso missionário.

Na XIII Assembleia Geral Ordinária dos Bispos para a transmissão da fé, de 7 a 28 de Outubro de 2012, tanto o texto final como a homilia de conclusão proferida pelo Papa Bento XVI, são importantes para o nosso estudo. Note-se que o Papa Bento XVI foi grande dinamizador deste Sínodo.

O Sínodo dos Bispos sobre a nova evangelização para a transmissão da fé, pretendeu com a nova evangelização, fazer reviver aqueles que de certa forma abandonaram a sua fé, fazer redescobrir a beleza da fé cristã e a alegria do encontro com o Senhor Ressuscitado³⁹. Neste sentido, a nova evangelização consiste em assumir na fé o compromisso de viver a graça batismal. A nova evangelização é assumida como momento privilegiado para avaliar a fidelidade de cada cristão ao mandato evangelizador recebido do seu Mestre, é a ocasião

³⁵ Cf. *Ibidem*. Consultado a 11 de março de 2019, às 18:02.

³⁶ Cf. BENTO XVI, *Carta Apostólica em forma de «motu proprio» Ubiicumque et Semper*, 21 de setembro de 2010, em w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20100921_ubicumque-et-semper.html

Consultado a 10 de março de 2019, às 20:01.

³⁷ Cf. *Ibidem*. Consultado a 10 de março de 2019, às 20:20.

³⁸ Cf. *Ibidem*. Consultado a 10 de março de 2019, às 20:31.

³⁹ Cf. XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *nova evangelização para a transmissão da fé cristã instrumentum laboris*, 7-28 de outubro de 2012, em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.html
Consultado a 11 de março de 2019 às 16:20.

propícia para aproximar-nos da fonte da nossa fé⁴⁰. O Sínodo define a nova evangelização como, “a capacidade da Igreja em viver de modo renovado a própria experiência comunitária de fé e de anúncio num contexto de novas situações culturais que despontaram nestes últimos decénios”⁴¹.

Na homilia de conclusão do Sínodo dos Bispos sobre a nova evangelização para a transmissão da fé, o Papa Bento XVI sublinhou alguns aspectos que, no fundo, são linhas de ação pastorais⁴². Disse o Papa que a nova evangelização deve valorizar os sacramentos da iniciação cristã, exigindo um acompanhamento sério, com uma catequese bem estruturada, e deve haver uma boa preparação para o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia, sem esquecer a importância do sacramento da Reconciliação que é o sacramento da misericórdia de Deus⁴³. Em suma, é dever da Igreja evangelizar, anunciar a mensagem da salvação a todos aqueles que ainda não conheceram a Cristo, e também é dever da Igreja ajudar as pessoas batizadas que caíram no desleixo e não vivem as exigências do Batismo, ajudá-las a descobrir a beleza da sua fé⁴⁴.

3. A nova evangelização no pontificado do Papa Francisco até à publicação da *Evangelii gaudium*

A eleição do Papa Francisco foi uma surpresa, assim como a renúncia do Papa Bento XVI, a 11 de Fevereiro de 2013. Ninguém estava à espera⁴⁵. Na sua primeira mensagem para o dia mundial das missões, o novo Pontífice disse que a missão é uma dimensão privilegiada para renovar a nossa amizade com o Senhor e, como Igreja, somos chamados a anunciar com

⁴⁰ Cf. *Ibidem*. Consultado a 11 de março de 2019 às 16:32.

⁴¹ *Ibidem*. Consultado a 11 de março de 2019 às 16:40.

⁴² Cf. BENTO XVI, *Homilia na Santa Missa para a conclusão dos Sínodo dos Bispos*, 28 de outubro de 2012, em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121028_conclusionone-sinodo.html
Consultado a 11 de março de 2019 às 18:47.

⁴³ Cf. *Ibidem*. Consultado a 11 de março de 2019 às 19:16.

⁴⁴ Cf. *Ibidem*. Consultado a 11 de março de 2019 às 19:25.

⁴⁵ Cf. W. KASPER, *Papa Francisco: Revolução da misericórdia e do amor*, Paulinas, Prior Velho, 2015, 7.

audácia o Evangelho⁴⁶. O Papa Francisco trouxe à Igreja e ao mundo um novo ardor e entusiasmo, convidando todos a sairmos do nosso comodismo e atendermos às periferias da vida e da sociedade⁴⁷. No magistério do Papa Francisco, podemos notar que ele quer a comunicação do Evangelho⁴⁸. Anunciar o Evangelho é um dever que brota do próprio discípulo, não é um sentimento instantâneo passageiro. É sobretudo um compromisso constante que anima e dá vida à Igreja⁴⁹.

Fraternidade, amor, confiança e oração, são alguns dos sinais que o Papa Francisco quer construir com os irmãos na fé, para a edificação da comunidade dos fiéis⁵⁰, construir os laços de confiança e viver o amor para com o povo a ele confiado⁵¹. Na sua primeira Missa com os Cardeais na Capela Sistina numa quinta-feira a 14 de março de 2013, ele usou três verbos decisivos para iniciar um longo processo de anúncio do Evangelho. Esses verbos são: caminhar, edificar e confessar⁵². Caminhar, sobretudo na presença de Deus, viver na sua luz⁵³. Edificar a Igreja sobre pedra angular que é o próprio Senhor. É preciso que caminhar e edificar estejam ligados ao confessar, senão corremos o risco de caminhar, edificar muita coisa, mas se Cristo não for o fundamento, tornamo-nos uma Organização Não-governamental, uma empresa, mas não Igreja⁵⁴.

⁴⁶ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões*, 20 de outubro de 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20130519_giornata-missionaria2013.html

Consultado a 27 de Janeiro de 2019, às 23:20.

⁴⁷ Cf. W. KASPER, *Papa Francisco*, 11.

⁴⁸ Cf. A. FUMAGALLI, *Caminhar no amor: A teologia moral de Papa Francisco*, Paulinas, Prior Velho, 2018, 8.

⁴⁹ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões*, 20 de outubro de 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20130519_giornata-missionaria2013.html

Consultado a 27 de Janeiro de 2019, às 23:46.

⁵⁰ Cf. FRANCISCO, *Primeira saudação bênção apostólica “Urbi et Orbi”*, quarta-feira 13 de março de 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html

Consultado em 12 de março de 2019, às 18:38.

⁵¹ Cf. FRANCISCO, *Homilia na Santa Missa com os Cardeais*, quinta-feira 14 de março de 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130314_omelia-cardinali.html

Consultado a 12 de março de 2019 às 18:10.

⁵² Cf. *Ibidem*. Consultado a 12 de março de 2019 às 18:16.

⁵³ Cf. *Ibidem*. Consultado a 12 de março de 2019 às 18:27.

⁵⁴ Cf. *Ibidem*. Consultado a 12 de março de 2019 às 18:35.

O Papa Francisco tem consciência clara de que a nova evangelização significa despertar no coração e mente a vida da fé nas pessoas, mesmo sabendo que a fé é um dom de Deus. Mesmo assim, devemos demonstrar que vivemos a fé de modo concreto. Através do amor, da alegria e do sofrimento⁵⁵. A fé é dom de Deus e não fruto de proselitismo; mas isso em nada retira o esforço dos evangelizadores que são testemunhas de Cristo⁵⁶.

A nova evangelização também passa pelo anúncio da misericórdia. “Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado”.⁵⁷ A linguagem da misericórdia é um dos sinais que a nova evangelização deve recorrer, para manifestar seus gestos e atitudes, que falam mais do que palavras⁵⁸. A nova evangelização é uma saída rumo àqueles que perderam a fé e o sentido profundo da vida. Este dinamismo faz parte do programa da vida de cada cristão, porque cada cristão é chamado a ir ao encontro do seu próximo, a dialogar com quantos não pensam como nós, com aqueles que professam outro credo⁵⁹. Somos continuamente chamados a desenvolver a atitude de discípulos missionários, a por a render os nossos talentos, usando a criatividade, a sabedoria e a experiência para levarmos a mensagem de ternura e misericórdia à toda família humana⁶⁰.

⁵⁵ Cf. FRANCISCO, *Discurso aos participantes na plenária do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização*, segunda-feira 14 de outubro de 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papafrancesco_20131014_plenaria-consiglio-nuova-evangelizzazione.html

Consultado 13 de março de 2019 às 11:45.

⁵⁶ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões-igreja missionária, testemunha de misericórdia*, 15 de maio de 2016, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papafrancesco_20160515_giornata-missionaria2016.html

Consultado a 14 de março de 2019 às 16:10.

⁵⁷ FRANCISCO, *Litterae Apostolicae Sub Plumbo Datae Misericordiae Vultus*, nº 2, in AAS 107 (1 Maii 2015), 400.

⁵⁸ Cf. FRANCISCO, *Discurso aos participantes na plenária do Pontifício Conselho para a Promoção de Nova Evangelização*, segunda-feira 14 de outubro de 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papafrancesco_20131014_plenaria-consiglio-nuova-evangelizzazione.html

Consultado 13 de março de 2019 às 11:56.

⁵⁹ Cf. *Ibidem*. Consultado 13 de março de 2019 às 12:20.

⁶⁰ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões-igreja missionária, testemunha de misericórdia*, 15 de maio de 2016, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papafrancesco_20160515_giornata-missionaria2016.html

Consultado a 14 de março de 2019 às 16:00.

Anunciar o Evangelho é um dever que nasce da experiência do encontro com Cristo, tornando compromisso que anima a vida da Igreja, por isso, comunidade vive a sua fé com alegria e anuncia sem cessar o Evangelho, saindo da zona do conforto para ir até às “periferias”⁶¹.

Para o Papa Francisco a alegria e a graça são dois pilares que acompanham um evangelizador no processo do anúncio⁶². A alegria é experiência de quem já viveu e saboreou o encontro com o Mestre e por isso, não a guarda para si mesmo. É sinal de quem se sente amado pelo Senhor⁶³.

Em suma, para o Papa Francisco, todo o homem e toda a mulher são chamados a sair, a irem em missão; esta é a razão pela qual estão na terra para: espalharem a semente do amor⁶⁴.

3.1. Os desafios da nova evangelização

Com o passar dos tempos, surgem novas realidades que mexem com várias estruturas sociais, nos planos político, cultural económico, ético e religioso. Estamos a falar de uma sociedade pluralista e secularizada que tem na sua base a modernidade. Esta, por sua vez, põe em causa a dimensão religiosa duma sociedade marcada pela fé e seus costumes religiosos, criando uma realidade polimórfica, marcada por rápidas transformações, que questiona o

⁶¹ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões*, 20 de outubro de 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20130519_giornata-missionaria2013.html

Consultado a 14 de março de 2019 às 11:41.

⁶² Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundail das missões*, 8 de junho de 2014, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papafrancesco_20140608_giornata-missionaria2014.html

Consultado 13 de março de 2019 às 17:23.

⁶³ Cf. *Ibidem*. Consultado 13 de março de 2019 às 17:47.

⁶⁴ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões-juntamente com os jovens, levemos o evangelho a todos*, 21 de outubro de 2018, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papafrancesco_20180520_giornata-missionaria2018.html

Consultado a 14 de março de 2019 às 18:17.

Cristianismo no seu dever de exercer papel de mediação social⁶⁵. Hoje podemos notar uma pluralidade de religiosidades, algumas bastante ambíguas, que levam muitas pessoas à busca por sentido, orientação e ajuda para inúmeros desafios da vida.

Neste processo do aparecimento da sociedade pluralista, é preciso que os cristãos vivam com maior empenho no que toca à relação entre a fé e a cultura, procurando ver onde e como situar a fé numa cultura que cada vez mais está a por em causa os fundamentos transcendentais. Torna-se necessário construir categorias que credibilizem a linguagem da fé e também encontrar linguagens para explicar a revelação de Deus na história⁶⁶. Para isso, é preciso reformar a Igreja ao ponto de tornar o seu testemunho da fé credível na revelação do rosto de Deus que Jesus nos quis revelar. Por isso, somos chamados a cultivar virtudes que superem todo o tipo de preguiça espiritual na busca do bem e cultivo do amor⁶⁷.

De modo geral, nota-se em muitos lugares do mundo, que sociedade secularizada tende a esquecer os grandes problemas e interrogações da vida humana, tais como: o mistério do mal, da dor, do sofrimento e da morte⁶⁸. O secularismo aparece nesta sociedade como uma provocação e convite a encontrar novos caminhos, novos métodos e novas estruturas, sejam para a vivência da fé em Igreja, sejam para o anúncio do Evangelho⁶⁹.

A Igreja não pode deixar de formar a consciência do homem e da mulher, propondo-lhes a resposta libertadora da esperança cristã⁷⁰. A nossa fé é na vida eterna. Deus incarnou na nossa realidade, para que a nossa realidade torne-se lugar de salvação. É difícil equacionar o problema da secularização e também viver ao ritmo dela. A secularização gerou na nossa sociedade um ateísmo prático que pode corromper o homem marcado pela fé em Jesus Cristo da mesma forma que o ateísmo teórico⁷¹. O secularismo olha unicamente para o temporal, o

⁶⁵ Cf. M. de F. MIRANDA, “Evangelizar ou humanizar”, *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, vol. 74, nº 295 (Jul/Set 2014) 521.

⁶⁶ Cf. L. BRESSAN, “O que é a nova evangelização”, 24.

⁶⁷ Cf. *Ibidem*, 24.

⁶⁸ Cf. J. POLICARPO, *Evangelização, anúncio de liberdade*, Multinova, Lisboa, 1975, 24.

⁶⁹ Cf. *Ibidem*, 22.

⁷⁰ Cf. *Ibidem*, 25.

⁷¹ Cf. *Ibidem*, 21.

terreno, o fugaz e esquece que tudo tende para o Eterno, que é o próprio Deus. O secularismo apresenta-se como uma imagem positiva da libertação, propondo um estilo de vida sem referência ao transcendente⁷². A fé na vida eterna constitui uma das condições de possibilidade de anunciar Cristo ressuscitado⁷³. Como disse São Paulo na carta aos Coríntios: “se a nossa esperança em Cristo é somente para esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens” (1Cor 15,19). Um grande desafio para a evangelização é também a situação da migração, que leva cada vez mais as pessoas a deixarem os seus países de origem e a viverem em grandes cidades. Com a saída para grandes cidades dá-se o encontro e mistura de culturas. Isso muitas vezes provoca desgaste das referências fundamentais da vida, e dos valores⁷⁴. Ao problema da migração está ligado o problema da globalização, realidade que exige muito discernimento por parte dos cristãos. O problema de globalização pode ser vista de duas formas: a primeira é a forma positiva, onde pode ser vista a globalização como uma oportunidade e momento de crescimento, e que a humanidade aprende a desenvolver novas formas de ser solidário com aqueles que veem até nós⁷⁵. A segunda a globalização é lida como um fenómeno negativo, onde muitas vezes prevalece uma interpretação determinística, ligada somente à dimensão produtiva⁷⁶.

Não podemos esquecer da questão da investigação científica e tecnológica. A ciência e as novas tecnologia correm o risco de se tornarem os novos ídolos para a sociedade atual, tornando pessoas escravas dos mesmos. Nesse contexto digital e globalizado é fácil fazer da ciência a nossa nova religião⁷⁷.

⁷² Cf. XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *nova evangelização para a transmissão da fé cristã instrumentum laboris*, 7-28 de outubro de 2012, em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.html Consultado a 10 de maio de 2019 às 17:25.

⁷³ Cf. R. CANTALAMESSA, *Horizontes para uma nova evangelização: como na esteira duma barca*, Paulus, Lisboa, 2013, 98.

⁷⁴ Cf. XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *nova evangelização para a transmissão da fé cristã instrumentum laboris*, 7-28 de outubro de 2012, em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.html Consultado a 10 de maio de 2019 às 17:29.

⁷⁵ Cf. *Ibidem*. Consultado a 10 de maio de 2019 às 17:40.

⁷⁶ Cf. *Ibidem*. Consultado a 10 de maio de 2019 às 17:45.

⁷⁷ Cf. *Ibidem*. Consultado a 10 de maio de 2019 às 17:25.

Em suma, a fé confronta-se com várias atitudes opostas à sua atuação, para a fazer desaparecer. A esperança que nos move está para além desta vida (cf. 1 Cor 15, 19).

3.2. A linguagem da evangelização

Evangelizar é comunicar Cristo. Esta comunicação passa pela palavra, pelo diálogo e pelo testemunho⁷⁸. Vivemos numa realidade onde Deus está e atua. A realidade deve ser um lugar teológico para qualquer crente. A Igreja deve dialogar com a realidade que a circunda, levando uma mensagem de amor e de paz. Evangelizar não é só pronunciar palavras, mas é também testemunhar com a própria vida, é ser mártir num mundo marcado por tantos sinais de perseguição.

Falar de Deus não é uma tarefa fácil. Ainda mais difícil é falar de Deus de um modo novo e renovado. O Evangelho não é um programa para governar o mundo, mas antes a comunicação da presença de Jesus que nos irradia, com rosto humano, um Deus que vai ao calvário por amor para nos salvar e nas horas mais difícil não nos tem abandonado⁷⁹. É preciso mostrar Jesus, falar do caminho que vai até Jesus, sem duvidar da graça de Deus. Contamos sempre com a graça de Deus. Por isso, a nova evangelização como expressão eclesial significa viver o caminho que conduz até Jesus, iniciar uma amizade com Jesus, matricular-se na escola de Jesus e aprender com o Mestre⁸⁰.

Em suma, neste âmbito de aprendizagem do conhecimento de Jesus, a nova evangelização não pode ser só um processo de aprendizagem educativo. Deve ser realista, com base na experiência, deve saber ler esta experiência e, a partir desta leitura, deve fazer surgir e transmitir novas experiências⁸¹.

⁷⁸ Cf. A. GOMES BARBOSA, *A nova evangelização*, 62

⁷⁹ Cf. *Ibidem*, 98.

⁸⁰ Cf. *Ibidem*, 100.

⁸¹ Cf. *Ibidem*, 102.

CAPÍTULO II

A nova evangelização: crise e compromisso missionário na EG

Desde a renúncia do Papa Bento XVI até à eleição do Papa Francisco, a Igreja viveu uma fase de transição e sofreu algumas mudanças. Mudanças que contribuíram para a edificação da própria Igreja. O Papa Francisco, nesta dinâmica de mudança, mostra-nos que é possível superar qualquer crise quando colocamos Cristo no centro. Desta forma, com Cristo no centro, a nova evangelização vai ganhar nova fisionomia e a Igreja é chamada a converter-se, mais uma vez, em instrumento de salvação para todos.

1. O contexto histórico em que surgiu a EG

A renúncia do Papa Bento XVI, a 11 de fevereiro de 2013, abriu uma porta para um novo capítulo na história dos sucessores de São Pedro⁸². É a primeira vez na história da Igreja moderna, período que vai do século XVI-XIX que isso acontece⁸³. A Igreja Católica e a Cúria Romana encontravam-se numa situação muito crítica. O *Vatileaks*, o escândalo dos documentos secretos do Vaticano que foram tornados públicos, a má gestão financeira do Banco do Vaticano, tudo isso leva a um grande desconfiança por parte daqueles que supostamente são pessoas de confiança do Papa⁸⁴. A situação crítica passa também pela questão dos abusos de menores, em vários países, como nos Estados Unidos da América, na Irlanda, na Bélgica e na Alemanha⁸⁵, entre outros, o que provocou uma grande revolta por parte de muitos fiéis leigos e não só, mas também, atingiu pessoas de outras confissões, que começaram por suspeitar das autoridades Católicas. Isso levou e de certo modo ainda está a

⁸² Cf. W. KASPER, *Papa Francisco*, 7.

⁸³ Cf. *Ibidem*, 8.

⁸⁴ Cf. *Ibidem*, 8.

⁸⁵ Cf. *Ibidem*, 8.

levar a Igreja Católica a um momento de paixão e sofrimento. A sua força profética parecia extinta e o seu estímulo missionário ficou coxo⁸⁶.

Com a renúncia do Papa Bento XVI, decididamente teve de ser eleito novo Papa. Como dissemos no primeiro capítulo, a eleição do Papa Francisco no dia 13 de março de 2013 foi uma surpresa. Desta bendita surpresa, surgiu, oito meses depois do início do novo pontificado, um documento do seu cunho pessoal, a Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, que foi publicada no dia 24 de novembro de 2013, primeiro ano do seu pontificado. Esta Exortação tem um carácter pragmático, nela repercutem vários temas de cariz teológico e pastoral⁸⁷. Mediante esta Exortação, a Igreja é convocada para uma renovada visão eclesiológica e uma conversão profunda⁸⁸. Esta conversão profunda da Igreja passa não só pela mudança de mentalidade, das estruturas, da linguagem mas sobretudo pelas práticas pastorais que configuram a missão da Igreja neste preciso momento da história⁸⁹.

A *Evangelii gaudium* põe a Igreja numa atitude de saída⁹⁰. Esta atitude de saída supõe conversão, abertura, encontro e diálogo com as periferias da vida⁹¹. Ela apresenta uma preocupação mais pastoral do que doutrinal, procurando resgatar a alegria que vem do encontro com o Ressuscitado e convida a Igreja a quebrar as barreiras do clericalismo, do pragmatismo não acolhedor, que cumpre tarefas sem dar testemunho da relação entre fé e vida⁹². Podemos apontar aqui um outro convite que vem na *Evangelii gaudium* que é o da conversão do papado, da descentralização eclesial⁹³.

A *Evangelii gaudium* é uma advertência contra as três desgraças que ameaçam a vida da Igreja: a teologia do pano que faz referências à importância exagerada dada às vestes clericais,

⁸⁶ Cf. *Ibidem*, 8.

⁸⁷ Cf. T. MESSIAS, “A nova evangelização na Exortação Apostólica a Alegria do Evangelho”, *Igreja e Missão*, Ano 72, nº 240 (Jan/Abr 2019) 71.

⁸⁸ Cf. *Ibidem*, 71.

⁸⁹ Cf. *Ibidem*, 71.

⁹⁰ Cf. J. C. de SIQUEIRA, “*Evangelii Gaudium*: A esperança de uma nova primavera na Igreja”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii gaudium em questão. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*, Paulinas-PUC-Rio, São Paulo-Rio de Janeiro, 2014, 23.

⁹¹ Cf. *Ibidem*, 23.

⁹² Cf. *Ibidem*, 23.

⁹³ Cf. FRANCISCO, EG, nº 32, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1033.

de qualquer tipo que elas sejam, em vez de dar lugar a uma teologia fundada na verdadeira Fé e na Tradição e no Magistério; a liturgia da fumaça que por sua vez, faz referência ao relevo excessivo dado às exterioridades litúrgicas, em vez de um verdadeiro culto interior que se manifesta na vida de comunhão do Povo de Deus que celebra a Liturgia; e por último, a pastoral dos prodígios, que faz referência aos aspectos extraordinários e espetaculares que coloca o assento nas obras humanas em vez de acentuar a vida da graça que faz crescer o Povo de Deus e o abre à humanidade, saindo de si mesmo e abrindo-se às periferias e aos pobres. Essas metáforas preocupam mais com a forma do que com o conteúdo⁹⁴. Por fora, tais atitudes dão uma sensação de consistência, mas por dentro é vazia e sem conteúdo. A *Evangelii gaudium* respeita a emancipação das realidades terrestre, mas insiste em não deixar que conduzam a Igreja para as sacristias⁹⁵. A *Evangelii gaudium* pensa uma Igreja no mundo, uma Igreja servidora e serva que não se preocupa apenas com aquilo que lhe é específica mas que pensa a partir da sua missão que é servir e tornar o reino de Deus presente⁹⁶.

Em suma, notamos que esta Exortação mais do que um conjunto de doutrina a ser transmitido a toda a Igreja, ela é sobretudo um convite a repensar a situação da Igreja no mundo atual à luz do Evangelho. Vamos anotando que ao decorrer da nossa reflexão, o Papa Francisco pensa Igreja no contexto atual, na situação real em que se encontra a Igreja. Uma Igreja convidada a ouvir os clamores do mundo e ao mesmo tempo procurar ser a porta de acesso para todos aqueles que precisam da misericórdia de Deus.

⁹⁴ Cf. J. P. AMADO, “*Evangelii gaudium*: alguns aspectos para sua leitura”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii gaudium em questão. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*, Paulinas-PUC-Rio, São Paulo-Rio de Janeiro, 2014, 30.

⁹⁵ Cf. *Ibidem*, 30.

⁹⁶ Cf. *Ibidem*, 30.

2. A noção de nova evangelização presente na introdução da EG

A EG tem um caráter pastoral e programático⁹⁷. Na introdução, o Papa Francisco, faz um apelo muito forte a todo universo cristão, independentemente da situação em que se encontra, convida todos a renovar, hoje, o encontro pessoal com Jesus Cristo⁹⁸. Se essa renovação não for possível, o Papa Francisco convida-nos, pelo menos, a deixar-se encontrar com Jesus Cristo, e desafia-nos a procurarmos-lo todos os dias, sem cessar⁹⁹. A nova evangelização aparece, assim, como um convite a voltar para Jesus; só Ele nos compreende e nos perdoa todas as ofensas. “Deus nunca se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia”¹⁰⁰. O perdão é uma forma de evangelizar. Perdoarmos-nos a nós mesmos. Reconciliarmos-nos com o nosso passado, ter relações redimidas entre irmãos da mesma comunidade. Nesta introdução, podemos notar que o Papa Francisco quer fazer-nos voltar a recuperar o frescor original do Evangelho¹⁰¹. Tudo isso são formas de evangelizar e fazer nascer novas esperanças no mundo e na nossa sociedade onde estamos inseridos.

Nova evangelização é um recomeçar que parte do próprio Jesus que nos diz “pega no teu catre e vai para tua casa” (Mc 2,11). A nossa dignidade é inviolável, temos direito a sermos felizes. E ser feliz passa por uma constante renovação da nossa aliança com Jesus; tantas vezes andamos fora do redil, mas o Senhor continua a aceitar-nos de braços abertos¹⁰².

O Papa Francisco conhece a realidade das pessoas e intui o que lhes faz falta. Está atento às necessidades das pessoas. Nota-se que a evangelização passa também por transmitir a alegria. Alegria que se vive de forma ordinária nas pequenas coisas da vida, essa alegria é sentida, certamente, porque deixamos Deus entrar e tomar parte na nossa luta de cada dia¹⁰³. A alegria de que se fala aqui, não é meramente uma alegria exterior, é sobretudo, uma alegria

⁹⁷ Cf. B. B. dos SANTOS, *Evangelizar com Papa Francisco. Comentário à Evangelii gaudium*, Paulus, São Paulo, 2014, 12.

⁹⁸ Cf. FRANCISCO, *Adhortatio Apostolica Evangelii gaudium*, n° 3, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1020.

⁹⁹ Cf. *Ibidem*, n° 3, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1020.

¹⁰⁰ *Ibidem*, n° 3, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1020.

¹⁰¹ Cf. P. SUESS, *Dicionário da Evangelii gaudium: 50 palavras chaves para uma leitura pastoral*, Paulus, São Paulo, 2015, 82.

¹⁰² Cf. FRANCISCO, EG, n° 3, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1020.

¹⁰³ Cf. *Ibidem*, n° 4, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1020.

que brota de dentro e que quer ser partilhada¹⁰⁴. O convite a viver a alegria é fruto do Evangelho. A mensagem de Jesus é toda ela a fonte de alegria¹⁰⁵. A alegria brota desse encontro pessoal e comunitário com Jesus¹⁰⁶. O Papa deixa o desafio: porque não entrar na dinâmica de alegria? Temos vários exemplos de pessoas que se deixaram contaminar por esta alegria do Evangelho, tais como: Maria no momento da anunciação do Anjo, “alegra-te” (Lc 1,28). Este alegra-te é um convite à alegria messiânica. Temos os discípulos que “encheram-se de alegria” (Jo 20,20) ao verem o Senhor ressuscitado; o neófito eunuco que “seguiu o seu caminho cheio de alegria” (At 8,39)¹⁰⁷. Claro que a alegria acompanha a nossa existência, mas temos de ser realistas para reconhecer que a vida tem muitos dramas que nos atormentam e nos tiram a alegria de viver. O Papa Francisco sublinhou que “há muitos cristãos que parecem ter vivido uma Quaresma sem Páscoa”¹⁰⁸. Falta dar sabor à vida e viver em ação de graças e evitar o pessimismo, dizendo, “não adianta, isso não tem cura”.

Onde reside a fonte da ação evangelizadora? O Papa Francisco considera que esta fonte encontra-se “quando permitimos que Deus nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro”¹⁰⁹. Como resistir ao amor? É no dar que se encontra a alegria. Damos porque nos encontramos a nós mesmos. Quem não se encontra a si mesmo, não tem nada para oferecer. O bem comunica-se por si só, é como um perfume de suave odor¹¹⁰. Disse o Papa, que se queremos viver uma vida plena, temos que reconhecer o outro e procurar sempre o seu bem, viver uma espiritualidade encarnada e compassiva¹¹¹; ser sensível à necessidade alheia¹¹² e que a missão é dar a vida. Para dar a vida é preciso alegria no dar;

¹⁰⁴ Cf. A. S. COSTA, “Anunciar com alegria: Aspectos espirituais da *Evangelii gaudium*”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii gaudium em questão. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais, Paulinas-PUC-Rio*, São Paulo-Rio de Janeiro, 2014, 149.

¹⁰⁵ Cf. FRANCISCO, EG, nº 5, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1021.

¹⁰⁶ Cf. P. SUESS, *Dicionário da Evangelii gaudium*, 109.

¹⁰⁷ Cf. FRANCISCO, EG, nº 5, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1021.

¹⁰⁸ *Ibidem*, nº 6, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1021.

¹⁰⁹ *Ibidem*, nº 8, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1022.

¹¹⁰ Cf. *Ibidem*, nº 9, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1022.

¹¹¹ Cf. D. IZUZQUIZA REGALADO, “La espiritualidade que propone *Evangelii gaudium* para la necesaria transformación eclesial y social”, *Corintios XIII. Revista de teología y pastoral de la caridad*, Cáritas Española, Madrid, nº. 153 (Enero-Marzo 2015) 29.

¹¹² Cf. FRANCISCO, EG, nº 9, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1022.

por isso, um evangelizador deve viver numa constante Páscoa e não ter cara de quem vive um constante funeral¹¹³. A alegria é uma forma de evangelizar. Evangelizar é ir às “fontes e recuperar o frescor original do Evangelho, onde despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual”¹¹⁴. Jesus é sempre novidade para nós. É a alegria que vence todos os desafios da vida¹¹⁵. Está sempre a surpreender-nos com a sua constante criatividade divina; com Jesus a nossa vida renova-se cada dia, a nossa comunidade cresce e cada proposta de crescimento é sempre impulsionadora de novas propostas¹¹⁶. A missão não é uma tarefa pessoal, e é sempre da iniciativa de Deus, sem Deus nada podemos fazer¹¹⁷.

Podemos concluir, que na introdução da EG, a nova evangelização é ir a fonte do Evangelho, e descobrir o seu frescor. Mas para transmitir o Evangelho é necessário ser uma pessoa alegre. A alegria é uma das características muito importante para os discípulos de Cristo. A alegria de dar e receber o verdadeiro amor. Uma alegria capaz de dar a própria vida.

3. Nova evangelização e transformação missionária da Igreja à luz do capítulo 1º da EG

O mandato de evangelizar vem de Jesus, quando disse aos discípulos: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” (Mt 28, 19-20). Diz o Papa Francisco que naquele “Ide” se encontram os desafios evangelizadores da Igreja, convocada a uma nova saída missionária¹¹⁸. Cada um de nós é chamado a discernir o que o Senhor nos pede e com generosidade aceitar o desafio de sair do nosso conforto e ir aonde o Evangelho

¹¹³ Cf. *Ibidem*, nº 10, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1023.

¹¹⁴ *Ibidem*, nº 11, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1023.

¹¹⁵ Cf. M. de L. C. LIMA, “A alegria na *Evangelii gaudium*: Aspectos relevantes da teologia do Antigo e Novo Testamento”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii gaudium em questão. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*, Paulinas-PUC-Rio, São Paulo-Rio de Janeiro, 2014, 51.

¹¹⁶ Cf. FRANCISCO, EG, nº 11, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1024.

¹¹⁷ Cf. *Ibidem*, nº 12, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1024.

¹¹⁸ Cf. FRANCISCO, EG, nº 19, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1028.

precisa, ainda, ser anunciado. A alegria do Evangelho é uma alegria missionária, os discípulos sentem isso quando voltam da missão e cheios de alegria, partilham as suas experiências com o Mestre (cf. Lc 10-17). Esta alegria é sinal de que o Evangelho está a frutificar¹¹⁹. A Igreja é convidada a sair para anunciar o Evangelho em toda a parte, sem perda de tempo ou medo, porque a alegria do Evangelho é para todo o povo¹²⁰. A missionariedade da Igreja não é um proselitismo. É atração, mas sobretudo, testemunho de vida que ilumina e dá sentido à vida das pessoas e faz nascer esperança e amor¹²¹. O Papa Francisco disse que a Igreja vive do testemunho concreto do amor¹²². A Igreja não é uma ONG, uma organização assistencial ou uma empresa, mas sim, uma comunidade de fiéis animados pela ação do Espírito Santo, fruto duma vivência que teve o seu fundamento no encontro com Cristo. Este encontro leva-nos a partilhar a alegria da mensagem de salvação que o Senhor nos trouxe¹²³.

A Igreja “em saída” tem algumas características próprias que fazem parte da sua atitude: “primeirar”, tomar iniciativa, ir ter com as pessoas, sabemos que é o próprio Jesus que se nos antecipa indo ter connosco¹²⁴, chamar os afastados, convidar os excluídos, dar de graça e receber de graça, espalhar a misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai. Embora seja um neologismo, o Papa Francisco usa a expressão para nos dizer que a própria comunidade evangelizadora experimenta que o Senhor toma a iniciativa de “primeirar” no amor¹²⁵. A iniciativa é sempre de Deus que chama para o encontro, chama a participar da sua vida divina¹²⁶. Esta atitude de “primeirar”, reflete e acompanha as outras características próprias da Igreja em saída; envolver-se é lavar os pés dos outros. A

¹¹⁹ Cf. *Ibidem*, nº 21, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1028.

¹²⁰ Cf. *Ibidem*, nº 23, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1029.

¹²¹ Cf. *Ibidem*, nº 14, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1025.

¹²² Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões*, 20 de outubro de 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20130519_giornata-missionaria2013.html

Consultado a 14 de março de 2019 às 11: 47.

¹²³ Cf. *Ibidem*. Consultado a 14 de março de 2019 às 11: 55.

¹²⁴ Cf. R. L. ZANINI, “Interpretações metodológico-pastorais à luz da *Evangelii gaudium*”, *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, vol. 75, nº 298 (Abr /Jun 2015) 335.

¹²⁵ Cf. F. J. ANDRADES LEDÓ, “El «lenguaje» pastoral de *Evangelii gaudium*”, *Corintios XIII. Revista de teología y pastoral de la caridad*, Cáritas Española, Madrid, nº 153 (Enero-Marzo 2015) 69.

¹²⁶ Cf. *Ibidem*, 69.

comunidade é chamada a estar a par da vida dos outros, tocando o seu sofrimento, assumir o “cheiro de ovelha”¹²⁷, pôr-se ao serviço dos outros e propor soluções¹²⁸, acompanhar a sociedade em todos os seus processos por mais difíceis que sejam¹²⁹, por fim a Igreja espera frutificar.

Os frutos são o resultado final, é o Senhor que a faz ser fecunda e dar frutos, criar vidas novas¹³⁰. E, por fim, fá-la festejar na alegria do seu Senhor que a chama à plenitude¹³¹, festejar cada pequena vitória, cada passo no processo de evangelização¹³². Essas características que fazem parte da Igreja em saída também devem ser aplicados na própria comunidade paroquial, lugar por excelência da vivência da fé.

A paróquia é uma comunidade evangelizadora onde os paroquianos se abastecem da força para continuar o trabalho, uma comunidade em contacto com as famílias, também chamada a reformar-se nas suas estruturas¹³³. As outras comunidades de base, as pequenas comunidades e movimentos são riquezas da Igreja que o Espírito Santo continuamente está a proporcionar. Cada Igreja particular conduzida pelo seu Bispo é chamada a uma conversão missionária e a entrar num processo de discernimento e purificação¹³⁴. Devemos evitar, disse o Papa Francisco, aquele critério confortável na pastoral que é “fez-se sempre assim”. É preciso ser criativo e aceitar o desafio da criatividade e não ter medo de mudanças¹³⁵. O realismo é um pressuposto importante no processo de evangelização; não dar por adquirido que aqueles a quem anunciamos compreendem a nossa linguagem. É preciso ser simples para que a mensagem do Evangelho chegue ao coração das pessoas e as transforme. Às vezes acontece que se fala muito em virtudes e, esquecendo aquelas que são mais importantes, se acentua

¹²⁷ Na linguagem de Papa Francisco essa expressão significa desprender, desalojar, sair da zona de conforto indo em direção aqueles que nos foram confiados para servi-los e amá-los, porque essa é a vocação da Igreja essa é a nossa vocação como batizados.

¹²⁸ Cf. F. J. ANDRADES LEDÓ, “El «lenguaje» pastoral de *Evangelii gaudium*”, *Corintios XIII. Revista de teología y pastoral de la caridad*, Cáritas Española, Madrid, nº 153 (Enero-Marzo 2015) 69.

¹²⁹ Cf. R. L. ZANINI, “Interpretações metodológico-pastorais à luz da *Evangelii gaudium*”, 336.

¹³⁰ Cf. *Ibidem*, 337.

¹³¹ Cf. FRANCISCO, EG, nº 24, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1029.

¹³² Cf. R. L. ZANINI, “Interpretações metodológico-pastorais à luz da *Evangelii gaudium*”, 337.

¹³³ Cf. FRANCISCO, EG, nº 28, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1031.

¹³⁴ Cf. *Ibidem*, nº 30, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1032.

¹³⁵ Cf. *Ibidem*, nº 33, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1033.

muitas vezes a lei em vez de graça, fala-se mais de Igreja do que Jesus Cristo, mais do Papa do que da Palavra de Deus¹³⁶.

A Igreja é sempre discípula missionária, deve crescer na escuta e na interpretação da Palavra revelada¹³⁷. A Igreja é, na sua dimensão global, uma realidade que é humana e ao mesmo tempo tem a sua origem em Deus, por isso, é divina. Enquanto divina é o próprio Deus que toma iniciativa de a acompanhar e trabalhar nela, definir a sua verdadeira identidade¹³⁸. Os ensinamentos da Igreja nem sempre foram uma realidade compreensível, a fé guarda sempre a dimensão da cruz, do sofrimento, nem sempre é entendida¹³⁹. A sua verdadeira identidade está na confissão da sua fé em Jesus Cristo, no anúncio da Boa Nova e na celebração dos sacramentos¹⁴⁰. A Igreja é uma realidade não só divina mas também incarnada na história, onde seus membros vivem num contexto, social, cultural e dentro dos seus existenciais concretos, formando uma comunidade de homens e mulheres que procuram viver o Evangelho¹⁴¹.

É preciso acompanhar com misericórdia e muita paciência o crescimento das pessoas e não esquecermos que o fruto virá só no fim e que quem faz com que haja fruto é sempre Cristo, porque é Ele quem toca o coração das pessoas: somos apenas instrumentos nas suas mãos. Nunca devemos cessar de proclamar as Verdades do Evangelho. Só vivendo na configuração com Cristo a Igreja se torna capaz de anunciar e realizar a sua missão de proclamar a salvação dada por Cristo, caso contrário, a Igreja corre o risco de ser como uma realidade arcaica ou peça de museu¹⁴².

¹³⁶ Cf. *Ibidem*, nº 37, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1035.

¹³⁷ Cf. *Ibidem*, nº 40, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1036.

¹³⁸ Cf. M. de F. MIRANDA, “Linhas eclesiológicas da *Evangelii gaudium*”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii Gaudium em questão. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*, Paulinas-PUC-Rio, São Paulo-Rio de Janeiro, 2014, 181.

¹³⁹ Cf. FRANCISCO, EG, nº 43, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1043.

¹⁴⁰ Cf. M. de F. MIRANDA, “Linhas eclesiológicas da *Evangelii gaudium*”, 181.

¹⁴¹ Cf. *Ibidem*, 181.

¹⁴² Cf. *Ibidem*, “Linhas eclesiológicas da *Evangelii gaudium*”, 181.

A missão da Igreja tem a sua fonte na Trindade¹⁴³. Toda a Igreja está fundamentada na ação do Espírito Santo¹⁴⁴. A Igreja é uma realidade presente na história humana, testemunhada pela vida dos cristãos e está ao serviço da implantação do Reino de Deus¹⁴⁵. A Igreja não é o fim, Ela é o meio, é instrumento de Deus e, mediante os seus membros, Ela deve fazer crer que o Reino de Deus não é uma utopia, mas uma realidade incarnada na história da humanidade¹⁴⁶.

O Papa quer uma Igreja em que é preciso pôr de lado as ansiedades para olhar as pessoas nos olhos e escutar. É isso que as pessoas precisam: de quem as oiça¹⁴⁷. Precisamos de uma Igreja onde a novidade e a criatividade sejam vistas com os olhos de fé, para que se abram à nossa frente caminhos novos e novos horizontes¹⁴⁸.

Em suma, aquilo que define a Igreja é a sua capacidade missionária. A capacidade de sair anunciando a eterna novidade do Evangelho. Testemunhar com a vida. Sem proselitismo. Mas a iniciativa é de Deus. Deus chama, o discípulo responde com prontidão. Pronto a ir, aonde ninguém quer ir. A Igreja toma a iniciativa e confia Naquele que é o primeiro evangelizador, Jesus Cristo.

4. A nova evangelização à luz da crise do mundo atual no capítulo 2 da EG.

Estamos perante um mundo materializado na sua estrutura. A tecnologia, o avanço da medicina, a economia, são os rostos duma humanidade que vai avançando cada vez mais no processo do desenvolvimento. O que o Papa Francisco nos oferece situa-se na linha dum discernimento evangélico¹⁴⁹; o Evangelho como critério máximo da leitura dos sinais dos tempos e também como um instrumento que ilumina e dá sentido a um mundo marcado pela indiferença. O Papa Francisco faz os seguintes apelos: não a uma economia de exclusão, não à

¹⁴³ Cf. B. B. dos SANTOS, *Evangelizar com Papa Francisco*, 30.

¹⁴⁴ Cf. M. de F. MIRANDA, “Linhas eclesiológicas da *Evangelii gaudium*”, 190.

¹⁴⁵ Cf. *Ibidem*, 185.

¹⁴⁶ Cf. *Ibidem*, 185.

¹⁴⁷ Cf. FRANCISCO, EG, nº 46, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1039.

¹⁴⁸ Cf. M. de F. MIRANDA, “Linhas eclesiológicas da *Evangelii gaudium*”, 192

¹⁴⁹ Cf. FRANCISCO, EG, nº 50, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1041.

idolatria do dinheiro, não a um dinheiro que governa em vez de servir, não à desigualdade social que gera violência e a tantos outros desafios tais como o individualismo, o fundamentalismo religioso, o processo de secularização. Esses desafios vamos desenvolvê-los em seguida ao falarmos sobre os desafios do mundo atual na *Alegria do Evangelho*.

4.1. Desafios do mundo atual na EG

Os desafios são vários e refletir sobre esses desafios, não é tarefa fácil¹⁵⁰. O Papa Francisco reconhece que esta não é a sua função, a de oferecer uma análise detalhada sobre as realidades que nos cercam na atualidade¹⁵¹. O que o Papa Francisco quer oferecer é um discernimento evangélico¹⁵². Neste processo de discernimento, o Papa Francisco apresenta alguns desafios que estão a minar o mundo atual, os quais vamos tentar apresentar. Primeiro desafio: “não a uma economia de exclusão e da desigualdade social” - O que é notícia hoje? O Papa Francisco chama a atenção para que a descida de dois pontos na Bolsa é notícia enquanto a morte dum idoso sem abrigo não é; isto é exclusão total da sociedade¹⁵³. É preciso cultivar a solidariedade e ver o homem como irmão¹⁵⁴. Tudo é visto hoje sob o ponto de vista da competitividade e da lei dos mais fortes, onde o mais poderoso domina e consome o mais fraco¹⁵⁵. Estamos a cultivar uma economia sem ética e sem Deus¹⁵⁶. A economia não deve ser uma mera administração. Ela deve ser zeladora de todos¹⁵⁷. Esta cultura económica exclui a grande massa das pessoas, criando desemprego e levando as pessoas a viverem num beco sem saída. Sem a ética, o ser humano fica perdido, sem sentido para vida¹⁵⁸. O ser humano

¹⁵⁰ Cf. A. O. de MORAES, “O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii gaudium*”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii gaudium em questão. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*, 42.

¹⁵¹ Cf. FRANCISCO, EG, nº 51, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1041.

¹⁵² Cf. *Ibidem*, nº 50, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1041.

¹⁵³ Cf. FRANCISCO, nº 53, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1043.

¹⁵⁴ Cf. B. B. dos SANTOS, *Evangelizar com Papa Francisco*, 13.

¹⁵⁵ Cf. FRANCISCO, EG, nº 53, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1043.

¹⁵⁶ Cf. B. B. dos SANTOS, *Evangelizar com Papa Francisco*, 13.

¹⁵⁷ Cf. P. SUESS, *Dicionário da Evangelii gaudium*, 59.

¹⁵⁸ Cf. B. B. dos SANTOS, *Evangelizar com Papa Francisco*, 13.

assemelha-se a um objeto de consumo, onde se usa e deita-se fora a qualquer momento, isso chama-se cultura do “descartável” diz o Papa¹⁵⁹. É fruto de uma economia sem ética que desumaniza¹⁶⁰. O problema é muito mais grave, não se trata só de oprimir ou de explorar. Hoje, fala-se de exclusão e excluir é tratar só os mais pobres e frágeis como lixo¹⁶¹. Deus é o fundamento da ética, duma conduta reta e coerente da vida de qualquer ser humano na sua vertente individual ou social¹⁶².

O segundo desafio: “não à idolatria do dinheiro” - consiste em darmos muita importância ao dinheiro, até ao ponto de nos esquecermos que a crise financeira na sua raiz tem uma crise antropológica, negando o primado da pessoa humana, criando ídolos novos para o nosso bem-estar¹⁶³.

O terceiro desafio: “não a um dinheiro que governa em vez de servir” - verifica-se quando não se ama a Deus, todos os males aparecem como relativos, perde-se a consciência ética, achando-a demasiado humana¹⁶⁴. O dinheiro é para servir, os mais abastados devem ajudar os mais pobres e promovê-los e criar uma fraternidade desinteressada e um voltar da economia e das finanças onde, a análise da repartição dos bens e serviços sejam de tal modo eficaz, ao ponto de que todos possam sentir inseridos e apoiados financeiramente de acordo com o seu projeto pessoal ou empresarial visando maior otimização do plano financeiro. O que o Papa Francisco não quer é a exploração dos pobres e dos esquecidos da sociedade. No fundo ele quer uma economia que tem que ver com a boa repartição dos bens e uma finança que ocupa do plano monetário: preços, juros, de modo que, possa haver maior equidade social e criar uma ética favorável ao ser humano¹⁶⁵.

O quarto desafio: “não à desigualdade social que gera violência” - surge na medida em que hoje reclama-se muito a segurança, mas enquanto se gera desigualdade social é

¹⁵⁹ Cf. FRANCISCO, EG, nº 53, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1043.

¹⁶⁰ Cf. B. B. dos SANTOS, *Evangelizar com Papa Francisco*, 13.

¹⁶¹ Cf. FRANCISCO, EG, nº 53, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1043.

¹⁶² Cf. B. B. dos SANTOS, *Evangelizar com Papa Francisco*, 13.

¹⁶³ Cf. FRANCISCO, EG, nº 54, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1044.

¹⁶⁴ Cf. *Ibidem*, nº 57, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1044.

¹⁶⁵ Cf. *Ibidem*, nº 58, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1044.

impossível acabar com a violência, fruto dum cancro social que é a corrupção¹⁶⁶. Gera-se um sistema social e económico que não responde às necessidades da pessoa humana, que cria e gera violência¹⁶⁷.

A cultura não fica isenta desta problemática, sobretudo a cultura urbana, onde é preciso uma evangelização inculturada¹⁶⁸. O Papa Francisco também constata alguns desafios da cultura à Igreja, como o fundamentalismo religioso, um verdadeiro ataque à liberdade religiosa¹⁶⁹. Hoje, na cultura dominante, o que ocupa lugar de destaque é o que é visível, exterior, rápido, superficial, provisório, cultura da aparência.¹⁷⁰ É uma cultura fruto duma sociedade que vive da abundância dos bens materiais¹⁷¹. Temos um outro problema que é a secularização, de que já falámos no primeiro capítulo. Ela reduz a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo, negando toda a realidade transcendente, enfraquecendo a ética e o sentido do pecado pessoal e social e criando relativismo¹⁷². A família também sofre no meio de toda essa problemática cultural e social, sofre uma crise cultural profunda. O matrimónio perde o seu valor sacramental e muitas vezes é visto como uma recompensa afetiva¹⁷³.

O egocentrismo pós-moderno esmorece a boa comunhão entre as pessoas e as relações familiares. As culturas devem ser evangelizadas, para que o Evangelho seja nelas inculturado. É preciso acompanhar e fortalecer aquilo que temos para podermos responder com mais clareza aos desafios novos que aparecem¹⁷⁴. Toda a cultura precisa de crescer e amadurecer. A cultura, toda ela, é dinâmica¹⁷⁵. Muitas fragilidades precisam de ser tocadas e purificadas e curadas pelo Evangelho: o problema de alcoolismo, o machismo, a violência doméstica, a escassa participação na Eucaristia, a superstição que levam à bruxaria, tudo isso tem cura

¹⁶⁶ Cf. *Ibidem*, nº 60, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1045.

¹⁶⁷ Cf. B. B. dos SANTOS, *Evangelizar com Papa Francisco*, 13.

¹⁶⁸ Cf. *Ibidem*, 15.

¹⁶⁹ Cf. FRANCISCO, EG, nº 61, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1045.

¹⁷⁰ Cf. *Ibidem*, nº 62, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1046.

¹⁷¹ Cf. P. SUESS, *Dicionário da Evangelii gaudium*, 42.

¹⁷² Cf. FRANCISCO, EG, nº 64, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1047.

¹⁷³ Cf. *Ibidem*, nº 66, in AAS 105 (6 Decembris 2013), 1048.

¹⁷⁴ Cf. *Ibidem*, nº 69, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1049.

¹⁷⁵ Cf. P. SUESS, *Dicionário da Evangelii gaudium*, 42.

quando levamos a fé com seriedade e praticamos o nosso modo simples de viver a fé mediante a piedade popular¹⁷⁶.

É verdade que muitas pessoas deixaram de se identificar com a realidade católica e refugiam-se em outras comunidades de fé. O que muitas vezes está na base dessa separação é a falta de diálogo no seio familiar, a comunicação social que tantas vezes cria divisão, o subjetivismo relativista, o consumismo desenfreado, a falta do cuidado pastoral com os mais necessitados, a falta de acolhimento para com aqueles que vêm ao nosso encontro¹⁷⁷.

Esses desafios afetam todos os âmbitos da vida social. Nota-se nas culturas urbanas uma falta de fé que faz pensar no futuro dos nossos filhos. Os cidadãos são confrontados com uma vida dura, muito esforço para ganhar o pão de cada dia. Nesta luta esconde-se um profundo sentido do religioso¹⁷⁸. É preciso uma evangelização a fim de ajudar as pessoas a relacionarem-se com Deus e com os outros e com o meio, a criarem uma consciência coletiva da importância da vivência da nossa fé e a ajudarem cada um a olhar não só para o seu mundo privado mas a toda a realidade que está à sua volta; neste sentido a Igreja é chamada a ser serva¹⁷⁹. Só o Evangelho pode restituir ao homem a sua dignidade, o Evangelho é o melhor remédio para os problemas sociais e urbanos¹⁸⁰.

Em suma, podemos afirmar com afinco que o Evangelho é a solução para muitos problemas sociais que afetam diretamente as pessoas no seu dia-a-dia. Vivemos numa sociedade marcada pelo egoísmo, onde cada indivíduo procura em primeiro lugar o seu interesse em vez do bem da comunidade. Vivemos numa sociedade onde os bens materiais têm muito peso na qualificação dos indivíduos. Os desafios que o Papa Francisco apresenta, combatem com o Evangelho. O Evangelho ajuda no critério de discernimento.

¹⁷⁶ Cf. FRANCISCO, EG, nº 69, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1049.

¹⁷⁷ Cf. *Ibidem*, nº 70, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1049.

¹⁷⁸ Cf. *Ibidem*, nº 72, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1050.

¹⁷⁹ Cf. *Ibidem*, nº 74, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1051.

¹⁸⁰ Cf. *Ibidem*, nº 75, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1051.

4.2. Desafios na vida pastoral na EG

O mundo não é cor-de-rosa. Enfrentamos muitos desafios na vida pastoral. Muitos desses desafios são fruto da globalização, duma cultura globalizada e afetam a vida pastoral¹⁸¹. Os cristãos trabalham em prol de uma maior pastoral de humanização. A Igreja não deixa de fazer o bem. O Papa desafia-nos a uma espiritualidade missionária e comunitária¹⁸², que nos coloca em movimento. Isso, por sua vez, implica um encontro com o Senhor, não um encontro intimista e paralisante, mas sim um encontro que nos move¹⁸³. É preciso que nos identifiquemos com aquilo que professamos, deixando de lado o nosso comodismo e relaxamento para irmos ao encontro do outro, para nos comprometermos com o mundo¹⁸⁴. A perda da identidade é o pior dos males. Muitas vezes, entre os agentes pastorais, corre-se o risco de cair num certo relativismo. Este relativismo expressa-se num agir como se Deus não existisse¹⁸⁵, esquecendo os pobres, ou seja, vivendo à margem do sofrimento dos outros¹⁸⁶. A acédia espiritual é desafio que ameaça a vida pastoral, onde muitos fogem do compromisso que lhes rouba tempo, ao ponto de se tornar difícil conseguir pessoas fixas que levem os seus compromissos até ao fim numa paróquia¹⁸⁷. A Igreja é convidada a ser uma Igreja samaritana, com capacidade de curar e cuidar das feridas dos seus filhos¹⁸⁸.

A tarefa de evangelização é uma resposta livre e alegre ao amor de Deus que nos convida para a missão e nos torna pessoas realizadas e fecundas. Muitos recusam essa proposta e refugiam-se numa acédia que paralisa¹⁸⁹. Esta acédia de que fala o Papa Francisco tem a sua origem em diversas formas: muitos caem na acédia porque vivem em projetos inexecutáveis e não vivem com aquilo que está ao seu dispor no dia-a-dia; outros cruzam os

¹⁸¹ Cf. B. B. dos SANTOS, *Evangelizar com Papa Francisco*, 16.

¹⁸² Cf. D. IZUZQUIZA REGALADO, “La espiritualidad que propone *Evangelii gaudium* para la necesaria transformación eclesial y social”, 33.

¹⁸³ Cf. *Ibidem*, 27.

¹⁸⁴ Cf. FRANCISCO, EG, nº 78, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1052.

¹⁸⁵ Cf. B. B. dos SANTOS, *Evangelizar com Papa Francisco*, 16.

¹⁸⁶ Cf. FRANCISCO, EG, nº 80, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1053.

¹⁸⁷ Cf. *Ibidem*, nº 81, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1053.

¹⁸⁸ Cf. D. IZUZQUIZA REGALADO, “La espiritualidad que propone *Evangelii gaudium* para la necesaria transformación eclesial y social”, 30.

¹⁸⁹ Cf. FRANCISCO, EG, nº 81, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1053.

braços e não fazem projetos querendo que tudo caia do céu; outros vivem muito apegados aos seus projetos de tal forma que vivem numa constante vaidade; outros preocupam-se mais com as organizações do que com as pessoas; outros caem na acédia por não saberem esperar, querem os resultados à pressa¹⁹⁰. Um outro desafio que nos abarca a todos é o pessimismo estéril, onde os males do mundo muitas vezes servem de desculpa para ficarmos no nosso aconchego reduzidos ao conforto dos nossos hábitos e práticas. Ver o mundo com um olhar crente, neste caso, requer educar o nosso olhar, para sermos capazes de reconhecer a luz que o Espírito Santo irradia no meio da escuridão.

A nossa fé é chamada a dar sentido e transformar a realidade que nos cerca, apesar de saber que o joio está presente no nosso meio¹⁹¹. Muitas vezes temos a sensação de derrota, esta é a pior das tentações, que nos transforma em lamurientos e sem fervor e com cara de vinagre¹⁹². É preciso confiar para poder ganhar a batalha, porque só com as nossas forças não chegaremos ao nosso objetivo que é fazer frutificar o amor de Deus entre os homens. Deus, sendo mistério, deixa muitos sinais nas entrelinhas da realidade que só com o olhar físico não chegamos a ver. Neste caso precisamos do olhar da fé. Cristo é unidade e comunhão, por isso o Papa Francisco desafia-nos a dizer sim às relações novas geradas por Jesus Cristo, a sair de nós mesmos, para irmos ao encontro do outro, a valorizar a “mística” do vivermos juntos, a apoiarmos e partilharmos as experiências¹⁹³.

O ideal cristão supera qualquer tipo de preconceito, desconfiança e medo de sermos invadidos na nossa privacidade e as nossas atitudes defensivas; o Evangelho convida-nos a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com o seu sofrimento, suas manias e defeitos, e também com a sua alegria. Isso tem como consequência viver na pele a verdadeira fé que é dom de nós mesmos aos outros e à comunidade. Na sua encarnação, o Filho de Deus

¹⁹⁰ Cf. *Ibidem*, nº 82, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1054.

¹⁹¹ Cf. *Ibidem*, nº 84, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1055.

¹⁹² Cf. *Ibidem*, nº 85, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1056.

¹⁹³ Cf. *Ibidem*, nº 87, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1057.

convidou-nos à revolução de ternura¹⁹⁴. Um outro desafio à vida pastoral é o mundanismo espiritual. Muitos dizem que amam a Igreja, mas na realidade amam-se mais a si mesmos do que a própria Igreja, buscam a própria glória em vez da glória do Senhor. Este mundanismo está revestido de uma aparência religiosa¹⁹⁵. O mundanismo muitas vezes passa por uma liturgia exibicionista¹⁹⁶. O mundanismo espiritual torna a Igreja elitista, narcisista, autoritária e autorreferencial¹⁹⁷. Este mundanismo espiritual alimenta-se de formas que estão em estreita relação umas com as outras. A primeira é o gnosticismo, uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa algumas experiências e conhecimento, que de certa forma parece dar um certo conforto mas que no fundo enclausura a pessoa na sua própria razão e sentimento. A segunda é o neopelagianismo autorreferencial de quem só confia nas suas forças e capacidades esquecendo as obras que Deus vai fazendo na sua vida, criando uma falsa segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário, onde em vez de anunciar o Evangelho, se analisa e classifica os outros separando os bons dos maus, impedindo a atuação da graça de Deus¹⁹⁸. A Igreja, quando vive na autorreferencialidade, afasta-se dos pobres e do anúncio do Evangelho, vive uma espiritualidade desencarnada, em vez de uma espiritualidade missionária que tem a sua raiz no amor e misericórdia¹⁹⁹

O apelo “não à guerra entre nós” aparece como apelo à unidade, a evitar tudo aquilo que nos separa e a apreciarmos aquilo que nos une. O Papa conhece a realidade da vida religiosa sendo religioso antes de ser Papa. Que sejamos exemplo de concórdia e paz entre nós os cristãos. O mundo está muito marcado pela guerra, inveja, ódio, divisão, calúnias, difamação, vingança, ciúmes, desejos de impor as próprias ideias. Tudo isso muitas vezes tem

¹⁹⁴ Cf. *Ibidem*, nº 88, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1057.

¹⁹⁵ Cf. *Ibidem*, nº 93, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1059.

¹⁹⁶ Cf. B. B. dos SANTOS, *Evangelizar com Papa Francisco*, 16.

¹⁹⁷ Cf. V. R. AZCUY, “La «trama interna» de *Evangelii gaudium*, ensayo sobre la fuerza de la espiritualidad evangelizadora”, *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, vol. 46, nº 130 (Set/Dez 2014) 413.

¹⁹⁸ Cf. FRANCISCO, EG, nº 94, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1059.

¹⁹⁹ Cf. V. R. AZCUY, “La «trama interna» de *Evangelii gaudium*, ensayo sobre la fuerza de la espiritualidad evangelizadora”, 414.

acontecido nas nossas comunidades e até na vida religiosa entre pessoas consagradas²⁰⁰. É preciso pedir ao Senhor que nos ensine a lei do amor, que reine o amor no nosso meio, que o mal desapareça como disse São Paulo: “Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem” (Rm 12,21).

Os desafios existem e nunca vão acabar. É preciso confiar naquele que nunca nos abandonará nesta árdua tarefa de amar e fazer o bem com a nossa única arma que é o Evangelho. Para que isso aconteça temos de ser realistas e ver e ler a nossa condição real para não cairmos na utopia, e nunca deixemos que nada nos tire a vontade de viver uma vida sempre em missão dado que ela em si já é uma missão.

Em suma, a vida pastoral também apresenta os seus desafios que mexe com a estrutura da Igreja. A Igreja está no mundo, e os problemas do mundo são os problemas da Igreja. Aquilo que mais desfigura a Igreja é o clericalismo e o mundanismo espiritual. Frutos de uma autorreferencialidade que nasceu dentro da própria Igreja. Essa praga combate-se com um espírito evangélico e missionário.

²⁰⁰ Cf. FRANCISCO, EG, nº 100, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1062.

CAPÍTULO III

O anúncio explícito do Evangelho na nova evangelização à luz do capítulo 3 da EG

Neste capítulo, o Papa Francisco quer tratar do anúncio explícito de Jesus como Senhor. Falar de Jesus é tarefa e missão de todos os cristãos. A missão fundamental da Igreja é anunciar a novidade do Evangelho de forma sempre nova e renovada. Esta missão de anunciar o Evangelho foi confiada à Igreja. Este anúncio explícito desenha a vida da Igreja na sua vertente missionária porque é todo o povo cristão que é convidado a anunciar o Evangelho. O anúncio de Cristo tem na homilia um ponto central entre Deus e o seu povo, e exerce-se também passando pela catequese.

1. Missão e missiologia a partir da EG

A Missiologia, para o Papa Francisco, não tem só que ver com questão geográfica mas tem que ver com culturas, os indivíduos, porque a Boa Nova não modifica apenas lugares e tradições humanas, mas Ela atravessa o coração de cada mulher e homem²⁰¹. A Igreja, pela sua missão, manifesta a presença de Jesus Cristo em todo o mundo²⁰². A evangelização é um dever da Igreja e é Deus que toma a iniciativa de nos acompanhar nesta missão. Não estamos sós. A missiologia não é um ato isolado, individual, que diz respeito apenas ao foro íntimo. Ela é uma atividade eclesial e deve ser também explícita. A missiologia não é proselitismo, mas é um testemunho que ilumina o caminho e traz esperança e amor²⁰³. É por este amor e

²⁰¹ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões*, 20 de outubro de 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20130519_giornata-missionaria2013.html

Consultado a 09 de Julho de 2019, às 10:44.

²⁰² Cf. L. A. FERNANDES, “Missão e missiologia a partir da *Evangelii gaudium*”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii Gaudium em questão. Aspecto bíblicos, teológicos e pastorais*, Paulinas-PUC-Rio, São Paulo-Rio de Janeiro, 2014, 277.

²⁰³ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões*, 20 de outubro de 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20130519_giornata-missionaria2013.html

pura misericórdia que somos salvos. Sendo pura graça, o Espírito Santo torna-nos filhos de Deus, transforma-nos e torna-nos capazes de responder, com a nossa vida, ao seu amor²⁰⁴.

A missão faz parte da vida da Igreja, se assim não for ela deixa de ser a Igreja de Cristo para ser uma simples associação humana, perderia a sua finalidade²⁰⁵. O Papa Francisco entende Igreja como uma realidade saída de Cristo, por isso, ele insiste muito nessa consciência de pertencer à Igreja, de se viver uma vida em missão. Uma missão que parte da Igreja. A missão da Igreja funda-se sobre o poder transformador do Evangelho está destinada a todos os homens de boa vontade²⁰⁶. A missão da Igreja, afirma o Papa Francisco, não é propaganda. A missão não é uma venda de produtos como se a Igreja fosse um supermercado, Francisco sublinha ainda que a missão da Igreja não é a proposta duma ética sublime²⁰⁷.

A missão nasce de Jesus e a Igreja vive da missão. Por isso, ser Igreja, para o Papa Francisco, é ser povo de Deus chamado a sair para a missão: este é o grande projeto do amor de Deus para conosco, e a Igreja é o grande lugar da misericórdia de Deus, onde todos nós podemos sentir-nos em casa, hospedados, estimados, perdoados e, assim, animados a vivermos segundo o Evangelho²⁰⁸. O Evangelho, disse o Papa, é uma Pessoa, que está sempre a oferecer-se a todos aqueles que a acolhem na fé, na confiança e humildade, e convida-os a tomar parte na sua morte e ressurreição²⁰⁹.

A Igreja não é uma organização assistencial, uma empresa, uma ONG, mas uma comunidade de pessoas, sustentadas e animadas pelo Espírito Santo, que viveram e continuam hoje a viver e testemunhar a maravilha do encontro pessoal com Jesus Cristo e desejam

Consultado a 09 de Julho de 2019, às 10:55.

²⁰⁴ Cf. FRANCISCO, EG, nº 112, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1066.

²⁰⁵ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões, a missão no coração da fé cristã*, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20170604_giornata-missionaria2017.html

Consultado a 14 de setembro de 2019 às 12: 31.

²⁰⁶ Cf. *Ibidem*, Consultado a 14 de setembro de 2019 às 12: 33.

²⁰⁷ Cf. *Ibidem*, Consultado a 14 de setembro de 2019 às 12: 35.

²⁰⁸ Cf. FRANCISCO, EG, nº 114, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1067.

²⁰⁹ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões, a missão no coração da fé cristã*, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20170604_giornata-missionaria2017.html

Consultado a 14 de setembro de 2019 às 12: 43.

partilhar a experiência de uma alegria que brota da partilha da mensagem da salvação que o Senhor nos trouxe²¹⁰.

A Igreja vive no meio da cultura e a diversidade cultural não põe em risco a unidade da Igreja, porque é o Espírito Santo que, enviado pelo Pai, transforma os nossos corações de pedra e nos torna capazes de comunhão com a Santíssima Trindade, ícone perfeito da comunhão²¹¹. O Espírito Santo é unidade na diversidade e a evangelização assenta nesta riqueza que o Espírito Santo constrói na Igreja²¹². Com responsabilidade, a Igreja procura cumprir a tarefa que lhe foi confiada pelo Senhor ressuscitado²¹³. A Igreja existe para evangelizar, esta é a sua tarefa essencial²¹⁴. Anunciar o Evangelho é um dever que se encontra no mais íntimo daquele ou daquela que é discípulo ou discípula de Cristo e sobretudo é um compromisso sério que anima a vida da comunidade²¹⁵.

A missão não é opcional na vida da Igreja ou apenas tarefa de alguns; a missão faz parte do seu ser e é intrínseca a ela²¹⁶. Cada um, na condição em que se encontra, é chamado a ser missionário. Em cada batizado atua a força santificadora do Espírito Santo, que o chama a evangelizar²¹⁷. Este mandato de ir anunciar a Boa Nova veio do Senhor (cf. Mt 28,19). Ser evangelizador, diz o Papa Francisco, não depende da função ou cargo que se tem na Igreja ou da instrução da fé, depende, sim, de sentir e experimentar o amor de Deus, para o poder transmitir²¹⁸. O amor é o único caminho para anunciar o verdadeiro amor que é Jesus Cristo.

²¹⁰ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões*, 20 de outubro de 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20130519_giornata-missionaria2013.html

Consultado a 12 de Julho de 2019, às 10:20.

²¹¹ Cf. FRANCISCO, EG, nº 117, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1068.

²¹² Cf. *Ibidem*, nº 117, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1068.

²¹³ Cf. L. A. FERNANDES, “Missão e missiologia a partir da *Evangelii gaudium*”, 278.

²¹⁴ Cf. *Ibidem*, 278.

²¹⁵ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões*, 20 de outubro de 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20130519_giornata-missionaria2013.html

Consultado a 12 de Julho de 2019, às 10:32.

²¹⁶ Cf. L. A. FERNANDES, “Missão e missiologia a partir da *Evangelii gaudium*”, 278.

²¹⁷ Cf. FRANCISCO, EG, nº 119, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1069.

²¹⁸ Cf. *Ibidem*, nº 120, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1070.

Ao encontrar este amor, que é Jesus, devemos dizer que somos discípulos missionários e não discípulos e missionários²¹⁹.

Crescer no amor é um processo que somos chamados a desenvolver todos os dias. A tarefa consiste em testemunhar a nossa fé de forma simples e coerente. Deve dar-se um testemunho sobretudo do amor salvífico do Senhor²²⁰. A Igreja não pode negar a sua missão, pois se o fizer está a pôr a sua identidade em causa²²¹. A missão é tarefa de todo o povo de Deus, ela tem como referência o anúncio de Jesus, que ungido pelo Espírito Santo, realizou o plano de salvação que o Pai tinha reservado para nós²²². Jesus é o amor do Pai. Conhecer Jesus e experimentar o seu amor é o primeiro passo para compreender o mistério do amor de Deus. Deus ama de forma incondicional²²³. A missão alerta a Igreja que ela não é o fim em si mesma, mas instrumento do Reino²²⁴, que está ao serviço das pessoas. Uma Igreja autorreferencial, não é a Igreja de Cristo, porque não apresenta as marcas do seu corpo crucificado e glorioso²²⁵.

Deus entrou na nossa história para transformá-la em história de amor, de aliança e salvação²²⁶. Esta história de amor, de aliança e salvação acontece no mundo, onde a Igreja agindo em nome de Cristo, é como que o sacramento, sinal de reconciliação entre homem e Deus.²²⁷ É através da fé que nasce a missão universal da Igreja.²²⁸ Igreja é casa da Comunhão, onde se comungam as relações entre os seus membros, partilhando o que é espiritual e material.²²⁹ A Igreja deve viver uma renovação espiritual e evangelizadora, cada um deve levar o Evangelho às pessoas, independentemente de as conhecermos ou não, até

²¹⁹ Cf. *Ibidem*, nº 120, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1070.

²²⁰ Cf. *Ibidem*, nº 121, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1070.

²²¹ Cf. L. A. FERNANDES, “Missão e missiologia a partir da *Evangelii gaudium*”, 278.

²²² Cf. *Ibidem*, 278.

²²³ Cf. *Ibidem*, 281.

²²⁴ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões, a missão no coração da fé cristã*, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20170604_giornata-missionaria2017.html

Consultado a 14 de setembro de 2019 às 13: 08.

²²⁵ Cf. *Ibidem*, Consultado a 14 de setembro de 2019 às 13: 11.

²²⁶ Cf. L. A. FERNANDES, “Missão e missiologia a partir da *Evangelii gaudium*”, 281.

²²⁷ Cf. II Concílio do Vaticano, *Constituição Dogmática Lumen Gentium*, nº 1, in AAS 57 (30 Ianuarii 1965) 5.

²²⁸ Cf. JOÃO PAULO II, RM, nº 4, in AAS 83 (8 Aprilis 1991) 252.

²²⁹ Cf. JOÃO PAULO II, *Litterae Apostolicae Novo Millennio Ineunte*, nº 43, in AAS 5 (3 Maii 2001) 296.

através da pregação informal, que pode acontecer numa conversa ao tomar um café. É isso que é ser discípulo, levar o amor de Jesus aos outros, e pode acontecer a qualquer momento, sem uma prévia preparação, já que transportamos connosco um selo, o selo do amor que exala perfume de misericórdia²³⁰. Por meio de Jesus, o amor de Deus chegou até nós, e cada um é chamado a responder a esse amor, com a própria vida²³¹. Quem não ama Jesus, não tem paixão pela missão, porque como disse o Papa Francisco a missão é uma paixão, sobretudo uma paixão que brota dum amor que passa pela pessoa de Jesus e ao próximo²³². O centro da missão está em Jesus, e Ele pede-nos uma doação total de nós mesmos ao anúncio do Evangelho²³³. É o Evangelho que faz o missionário mover e esse movimento é causado pela paixão²³⁴. São Paulo disse: “Ai de mim, se eu não evangelizar!” (1 Cor 9, 16). O Evangelho é fonte de alegria, liberdade e salvação para cada homem²³⁵. Ciente deste dom, a Igreja não se cansa de anunciar, incessantemente, a todos “O que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos” (1 Jo 1, 1).

A encarnação de Deus na história revela o grande amor que Deus tem para com a humanidade, assumindo toda a nossa realidade, fazendo-se nosso irmão²³⁶. O que é preciso, é que o Evangelho tenha lugar na vida das pessoas e nas suas culturas, usando as categorias da própria cultura para pregar o Evangelho, que é eterna novidade²³⁷. Jesus liberta o ser humano da sua grande miséria e transforma o mundo por amor, por isso curar e perdoar são dois grandes gestos que acompanham Jesus na sua missão enquanto missionário do Pai²³⁸. Para além de perdoar os pecados, Jesus convida as mulheres e os homens à conversão²³⁹. Somos

²³⁰ Cf. FRANCISCO, EG, nº 127, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1073.

²³¹ Cf. L. A. FERNANDES, “Missão e missiologia a partir da *Evangelii gaudium*”, 282.

²³² Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões*, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20150524_giornata-missionaria2015.html

Consultado a 15 de setembro de 2019 às 16:22.

²³³ Cf. *Ibidem*, Consultado a 15 de setembro de 2019 às 16:22.

²³⁴ Cf. *Ibidem*, Consultado a 15 de setembro de 2019 às 16:27.

²³⁵ Cf. *Ibidem*, Consultado a 15 de setembro de 2019 às 16:22.

²³⁶ Cf. L. A. FERNANDES, “Missão e missiologia a partir da *Evangelii gaudium*”, 282.

²³⁷ Cf. FRANCISCO, EG, nº 129, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1074.

²³⁸ Cf. L. A. FERNANDES, “Missão e missiologia a partir da *Evangelii gaudium*”, 283.

²³⁹ Cf. *Ibidem*, 283.

uma missão, cada batizado é uma missão porque fruto do amor de Deus que o chama e o envia²⁴⁰. A missão a que fomos chamados funda-se na paternidade de Deus e na maternidade da Igreja, porque é inseparável do Batismo e do envio expresso por Jesus no mandato pascal²⁴¹: como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós, cheios de Espírito Santo para a reconciliação do mundo (cf. Jo 20,19-23); (cf. Mt 28, 16-20).

A missão de Jesus é a missão da Igreja; a Igreja faz aquilo que lhe é mandado²⁴². A missão resulta do mandato de Jesus, missionário do Pai e modelo de todo tipo de missão²⁴³. A Igreja não é uma organização filantrópica²⁴⁴. É preciso sentir que somos de Cristo, e ter o sentido da pertença à comunidade que nos ama²⁴⁵. É preciso construir a Igreja mediante a nossa profissão de fé em Jesus Cristo, único Senhor²⁴⁶. Este é o primeiro convite a ser Discípulo missionário: edificar a Igreja mediante a confissão da fé, confissão essa que pode, em extremo, levar ao martírio, mas o Senhor está sempre do nosso lado, apoiando-nos²⁴⁷.

A saída missionária só é possível se cada um adotar um estilo de vida evangélico e, na atitude de evangelizador, usar sempre de misericórdia²⁴⁸. A salvação não é algo abstrato; é muito concreto, a Boa Nova de Jesus é alegria, uma mensagem de salvação, encorajadora, que anula todo o tipo de medo²⁴⁹. A missão toda ela é obra de Deus, e Jesus é o primeiro e o maior evangelizador²⁵⁰. A missão é uma forma de combater a mundanidade espiritual: Saindo ao encontro do outro, deixo de ser o centro de mim mesmo, para pôr o outro no centro²⁵¹. A ação missionária da Igreja é ser sal, luz e fermento: sal para dar sabor às vidas das pessoas, luz para

²⁴⁰ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões, juntamente com os jovens, levemos o evangelho a todos, 21 de outubro de 2018*, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20180520_giornata-missionaria2018.html

Consultado a 14 de setembro de 2019 às 15:21.

²⁴¹ Cf. *Ibidem*, Consultado a 14 de setembro de 2019 às 15:32.

²⁴² Cf. L. A. FERNANDES, “Missão e missiologia a partir da *Evangelii gaudium*”, 283.

²⁴³ Cf. *Ibidem*, 284.

²⁴⁴ Cf. *Ibidem*, 285.

²⁴⁵ Cf. *Ibidem*, 287.

²⁴⁶ Cf. G. AUGUSTIN, *Por uma Igreja em saída*, Paulinas, Prior Velho, 2016, 5.

²⁴⁷ Cf. *Ibidem*, 5.

²⁴⁸ Cf. *Ibidem*, 10.

²⁴⁹ Cf. *Ibidem*, 13.

²⁵⁰ Cf. P. SUESS, *Dicionário da Evangelii gaudium*, 126.

²⁵¹ Cf. *Ibidem*, 126.

orientar e fazer caminhar na verdade e com a verdade, e, por último, fermento para fazer crescer o Amor de Deus, que é sinal de justiça e paz²⁵². A missão da Igreja no mundo é a de comunicar a graça salvadora de Deus aos homens e mulheres. Para o fazer, a Igreja tem que escutar e viver a Palavra de Deus²⁵³. A missão da Igreja é a de promover a verdadeira comunhão entre as culturas, dialogar e servir os mais pobres e necessitados, por amor²⁵⁴.

Todo o cristão, pela força do Espírito Santo, é discípulo missionário, servindo e fazendo comunhão com os outros irmãos²⁵⁵, mas a missão só acontece se esse serviço for para a promoção da pessoa humana e do bem comum²⁵⁶. A missão é um serviço atento às necessidades que são essenciais para a felicidade do ser humano²⁵⁷. O grande erro que se comete muitas vezes nas missões é o de reduzi-las a um certo tipo de espiritualismo, realizando a missão só ao nível do conteúdo doutrinal, exaltando a liturgia e o ritualismo desencarnado, sem que haja um forte empenho na caridade pastoral e na promoção humana²⁵⁸. A missão é tornar presente e operante a gratuidade do amor de Deus para com o ser humano²⁵⁹.

Em suma, a missiologia não é apenas uma dimensão programática na vida cristã é sobretudo uma dimensão paradigmática, que envolve e desenvolve toda a vida eclesial²⁶⁰. A vida eclesial toda ela deve estar virada para a missão. A missão é tarefa fundamental da Igreja, onde cada discípulo é chamado a assumir de modo sério e radical essa tarefa de ir anunciar com afinco os valores do Reino dos Céus.

²⁵² Cf. L. A. FERNANDES, “Missão e missiologia a partir da *Evangelii gaudium*”, 287.

²⁵³ Cf. *Ibidem*, 288.

²⁵⁴ Cf. *Ibidem*, 289.

²⁵⁵ Cf. *Ibidem*, 290.

²⁵⁶ Cf. *Ibidem*, 295.

²⁵⁷ Cf. *Ibidem*, 296.

²⁵⁸ Cf. L. A. FERNANDES, “Missão e missiologia a partir da *Evangelii gaudium*”, 296.

²⁵⁹ Cf. *Ibidem*, 297.

²⁶⁰ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões*, 20 de outubro de 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20130519_giornata-missionaria2013.html

Consultado a 13 de Julho de 2019, às 12:02.

2. A homilia

A EG aborda o tema da homilia dentro de exercício da liturgia, a relação que a homilia tem com o Espírito Santo e por fim considera a homilia como esse diálogo amoroso entre Deus e seu povo, propondo o tema da homilia no contexto mais amplo do anúncio explícito do Evangelho²⁶¹. Deus, na sua infinita misericórdia quer alcançar o outro, mediante a palavra humana²⁶². Deus usa aquilo que é humano para comunicar com a nossa humanidade.

A homilia é a parte mais delicada de toda a celebração eucarística. O Papa Francisco define-a como uma oportunidade excelente de avaliar a proximidade e a capacidade de encontro entre o pastor e o povo que lhe foi confiada²⁶³. Realçando o conceito da homilia, o Papa Francisco define-a como um encontro consolador com a Palavra, uma experiência feliz, uma constante renovação e crescimento²⁶⁴. O Papa Francisco faz três abordagens em relação a homilia: primeiro fala da homilia no contexto litúrgico, em seguida fala da homilia como conversa entre uma mãe e seu filho e, por fim, fala da homilia como palavras que abraçam o coração.

A primeira abordagem é a respeito da homilia no contexto da liturgia. Segundo o Papa Francisco, a homilia não é um momento de meditação ou de catequese, é sobretudo momento de diálogo entre Deus e seu povo²⁶⁵. Aquele que faz a homilia deve conhecer o coração do seu povo para saber onde está vivo e ardente o desejo de Deus e também descobrir onde este diálogo de amor foi sufocado ou não pôde dar fruto²⁶⁶.

Não pode haver um verdadeiro anúncio da Palavra de Deus, sem antes haver uma experiência eclesial dessa mesma Palavra, que é Boa Nova²⁶⁷. Na homilia o próprio pastor tem que sentir que o Espírito Santo está a ajudá-lo a ter uma experiência consoladora com a

²⁶¹ Cf. L. F. R. SANTANA, “Homilia à luz da *Evangelii gaudium*”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii Gaudium em questão. Aspecto bíblicos, teológicos e pastorais*, Paulinas-PUC-Rio, São Paulo-Rio de Janeiro, 2014, 117.

²⁶² Cf. FRANCISCO, EG, nº 136, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1076.

²⁶³ Cf. *Ibidem*, nº 135, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1076.

²⁶⁴ Cf. *Ibidem*, nº 135, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1076.

²⁶⁵ Cf. *Ibidem*, nº 137, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1077.

²⁶⁶ Cf. *Ibidem*, nº 137, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1077.

²⁶⁷ Cf. L. F. R. SANTANA, “Homilia à luz da *Evangelii gaudium*”, 117.

Palavra, que é fonte de renovação e crescimento. Deus quer atingir o outro através da palavra humana, pois é através da palavra que se conquista o coração das pessoas para Deus. Na Carta aos Romanos, São Paulo fala da fé que surge pela pregação da palavra. Mediante a palavra ouvida, a pessoa é chamada a uma união mais íntima com o Senhor (cf. Rm 10,17). A pregação congrega, atrai para a Cristo.

A homilia supera toda a catequese. Ainda que breve, deve ser entendida como um momento em que Deus fala com seu povo, por isso, o pastor da comunidade deve conhecer o coração e as dificuldades do seu rebanho, para poder entrar mais a fundo na realidade humana e dar a contribuição necessária para o bem de toda a comunidade²⁶⁸. A teatralização pode ser um dos grandes perigos no que se refere ao objetivo da homilia, visto que destaca demasiado a figura do pregador e ofusca o conteúdo da mensagem pregada. O Papa Francisco, conhecendo muito bem o clima litúrgico, onde se desenrola a homilia, chama a atenção para que não se faça da homilia um momento de diversão ou espetáculo. Ela deve dar fervor e sentido à celebração²⁶⁹. A homilia deve dar sentido e significado às nossas celebrações eucarísticas, deve ser breve, simples e transparente, para que não aconteça que os fiéis venham a dizer que o padre falou muito bem, mas não se percebeu nada. Trata-se de fazer sentir e experienciar o Ressuscitado na comunidade²⁷⁰.

Na homilia atualiza-se a Palavra de Deus e a economia da salvação.²⁷¹ Podemos dizer que a homilia é ação do Espírito Santo, que inspira, de muitos modos, os seus filhos, numa Igreja que é nossa mãe; é a Igreja que prega, que ensina, para o nosso bem e crescimento²⁷². A homilia não pode ser longa em demasiado, se não lesa sua própria característica que é a harmonia e o ritmo²⁷³. A própria homilia leva a assembleia e o pregador para uma maior comunhão com Cristo na Eucaristia que transforme a vida. Para que essa transformação

²⁶⁸ Cf. FRANCISCO, EG, nº 137, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1077.

²⁶⁹ Cf. *Ibidem*, nº 138, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1077.

²⁷⁰ Cf. *Ibidem*, nº 138, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1077.

²⁷¹ Cf. L. F. R. SANTANA, “Homilia à luz da *Evangelii gaudium*”, 120.

²⁷² Cf. FRANCISCO, EG, nº 139, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1078.

²⁷³ Cf. *Ibidem*, nº 138, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1077.

aconteça é preciso que a palavra do pregador não ocupe um lugar excessivo, para que o Senhor possa brilhar mais que o próprio pregador²⁷⁴.

Na segunda abordagem, Francisco fala da homilia como uma conversa de mãe com o seu filho. O pregador deve lembrar que a Igreja é mãe e que quando prega, prega como uma mãe que fala ao filho. Depositando a confiança na sua mãe, o filho sabe que tudo aquilo que a Igreja prega é para o seu bem e seu crescimento²⁷⁵. A homilia deve ser o lugar onde se ensina, corrige e valoriza tudo aquilo que é bom²⁷⁶. O Papa Francisco deixa um forte apelo, no que toca ao uso da língua materna na homilia. O uso da língua materna facilita a compreensão, transmite coragem, inspiração, força e dá impulso²⁷⁷. Francisco, de forma suave e ternurenta, diz-nos que esta abordagem materno-ecclesial de diálogo entre o Senhor e seu povo deve ser encarada de forma próxima e cordial pelo pregador, usando um tom caloroso na sua voz, na mansidão e estilo das suas frases, na alegria dos seus gestos²⁷⁸. O espírito materno ecclesial faz da homilia um momento sempre fecundo, mesmo que pareça maçante²⁷⁹. Às vezes a homilia parece uma tortura, mas se houver um espírito materno-ecclesial, a homilia passa a ser vista como frutífera, ao produzir o seu fruto no coração daqueles que a escutam. Jesus é exemplo, porque muitas vezes pregava com um espírito cheio de alegria²⁸⁰; “Bendigo-te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos” (Lc 10,21). É preciso acolher com humildade e responder com generosidade ao apelo que o Senhor faz na homilia, como Maria, quando disse o seu “Sim” ao projeto de Deus.²⁸¹

Por fim, na última constatação Francisco fala da homilia como palavras que abraçam os corações, neste sentido em que o diálogo é muito mais do que comunicar verdade. A homilia

²⁷⁴ Cf. *Ibidem*, nº 138, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1077.

²⁷⁵ Cf. *Ibidem*, nº 139, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1078.

²⁷⁶ Cf. *Ibidem*, nº 139, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1078.

²⁷⁷ Cf. *Ibidem*, nº 139, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1078.

²⁷⁸ Cf. *Ibidem*, nº 140, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1078.

²⁷⁹ Cf. *Ibidem*, nº 140, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1078.

²⁸⁰ Cf. *Ibidem*, nº 141, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1078.

²⁸¹ Cf. L. F. R. SANTANA, “Homilia à luz da *Evangelii gaudium*”, 120.

realiza-se no diálogo e a homilia não consiste em coisas, mas o pregador tem essa tarefa de fazer reproduzir nas pessoas a paixão, o gosto do Senhor pelo seu povo²⁸². Pregação, sendo diálogo de amor entre o Senhor e seu povo, não pode ser uma lição de moral ou uma explicação doutrinal ou uma exegese. Ela deve ser aquele momento em que aquilo que se comunica, incentiva à prática do bem, tem que andar de mãos dadas com a beleza e o bem, de modo que não se caia em silogismos frios e raciocínios abstratos²⁸³. O Papa Francisco fala duma pregação inculturada que consiste na síntese da mensagem evangélica e não nas ideias ou valores soltos e sem conteúdo. Uma pregação inculturada que valoriza a empatia, onde o pregador sente que as palavras abrasem os corações.

Reforçando a ideia de uma pregação inculturada, disse o Papa Francisco que onde está a tua síntese, ali está o teu coração²⁸⁴. É tarefa difícil unir corações. A missão do pregador reside em unir corações que se amam, levar o coração do povo a unir-se ao do Senhor²⁸⁵. Esta união reforça a aliança e estreita o vínculo da caridade²⁸⁶. O diálogo que se estabelece entre Deus e o seu povo é um diálogo que se baseia no amor. Diálogo é muito mais do que comunicar uma verdade, é o gosto de falar entre duas pessoas que se amam; porque, se a homilia fosse só dar lições de moral e doutrina e fazer exegese, acabaria por reduzir a intensidade do encontro entre corações, limitar e dificultar a relação entre pastor e o povo a ele confiado²⁸⁷. Deus revela-se ao homem, através da sua Palavra e dos sacramentos, e o homem, na sua liberdade, pode aceitar ou não.²⁸⁸

É bem verdade aquilo que o Papa Francisco nos diz: que devemos dedicar um tempo longo à preparação da homilia, através de estudo, oração, reflexão e alguma criatividade pastoral. É necessário fazer esforço, todas as semanas para dedicar um tempo pessoal e em comunidade, para organizar o conteúdo e a forma da pregação, e não confiar só na ação do

²⁸² Cf. FRANCISCO, EG, n° 141, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1079.

²⁸³ Cf. *Ibidem*, n° 142, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1079.

²⁸⁴ Cf. *Ibidem*, n° 143, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1079.

²⁸⁵ Cf. *Ibidem*, n° 143, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1079.

²⁸⁶ Cf. *Ibidem*, n° 143, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1079.

²⁸⁷ Cf. *Ibidem*, n° 142, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1079.

²⁸⁸ Cf. L. F. R. SANTANA, “Homilia à luz da *Evangelii gaudium*”, 120.

Espírito Santo, porque a confiança no Espírito Santo é criativa, dinâmica e não passiva. Um pregador que não faça a sua preparação, não é espiritual, é desleal e inconsequente quanto às muitas graças recebidas, para pôr ao serviço da comunidade²⁸⁹.

Podemos concluir dizendo que a homilia é entendida pelo Papa Francisco como um momento privilegiado, um encontro de avaliação entre aquele que anima a comunidade e a própria comunidade: nesta dinâmica acontece o diálogo entre Deus e seu povo. Deus fala e o povo escuta e procura observar e credibilizar as palavras ouvidas. O Papa Francisco realça a centralidade da homilia na assembleia litúrgica e mostra que ela tem uma relação estreita com o Espírito Santo, na qual o Espírito Santo inspira e auxilia o pastor no anúncio da Boa Nova na assembleia litúrgica.

3. A catequese: aspetos teológico-pastorais na EG

A catequese é aquele momento da iniciação cristã, em que o cristão é educado na fé²⁹⁰. A catequese é inerente a todas as atividades pastorais e missionárias que a Igreja promove, de modo que não é um setor isolado do resto do corpo eclesial²⁹¹. A catequese deve pressupor a realidade da cruz e do sofrimento, à luz da Palavra de Deus, e, assim, ajudar os fiéis a sentir a graça de Deus nas contrariedades da vida, não deixando de pôr em prática os mandamentos²⁹². Somos chamados a manifestar na comunidade o amor, pois a comunidade é lugar de crescimento e amor, onde tudo é graça e tudo é dom. A catequese é um ministério que está ao serviço da evangelização²⁹³. A catequese é um aprofundamento da mensagem cristã e uma forma de nos ajudar a crescer na vida cristã²⁹⁴.

²⁸⁹ Cf. FRANCISCO, EG, nº 145, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1080.

²⁹⁰ Cf. A. O. de MORAES, “Catequese hoje: reflexões teológicas-pastorais a partir da *Evangelii gaudium*”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii Gaudium em questão. Aspecto bíblicos, teológicos e pastorais*, Paulinas-PUC-Rio, São Paulo-Rio de Janeiro, 2014, 266.

²⁹¹ Cf. JOÃO PAULO II, *Adhortatio Apostolica Catechesi Tradendae*, nº 6, in AAS 71 (31 Octobris 1979) 1281.

²⁹² Cf. *Ibidem*, CT, nº 20, in AAS 71 (31 Octobris 1979) 1293.

²⁹³ Cf. A. O. de MORAES, “Catequese hoje”, 266.

²⁹⁴ Cf. *Ibidem*, 267.

A escola da fé é um lugar onde todos nós somos chamados a crescer. A catequese é uma forma de anunciar a Palavra de Deus²⁹⁵. A catequese é um período da maturação paulatina em ordem a uma fé madura²⁹⁶. A evangelização requer formação e amadurecimento. Há que fazer um caminho até ao ponto de sentir-se bem preparado para ir em missão. Neste processo é fundamental levar a sério, em cada pessoa, o projeto que Deus tem para ela e ajudá-la a descobrir esse projeto de Deus²⁹⁷. A catequese consiste em comunicar a mensagem da salvação²⁹⁸. Evangelização é não deixar as pessoas contentarem-se com o pouco conhecimento que têm, pois é sempre necessário conhecer mais a Cristo. A mediocridade não tem espaço na vida do cristão. Temos de nos configurar com Cristo até ao ponto de dizer, como São Paulo aos Gálatas “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20); nesta configuração total com Cristo o amor torna-se mais visível, acabando todo o medo, porque Cristo é nosso escudo seguro.

O apelo ao crescimento na fé, não visa um incremento apenas doutrinal. A doutrina é boa, mas o que edifica é o amor. Trata-se sobretudo de cumprir a lei fundamental do amor Cristão que se traduz num compromisso vital, que nos identifica como cristãos que somos: “É este o meu mandamento: que vos ameí uns aos outros como Eu vos ameí” (Jo 15,12). Na vida cristã, o mais importante é o amor ao próximo, quem ama o seu próximo de verdade, e com um coração desinteressado, está a cumprir aquilo que o Senhor mandou. Não pode haver reservas no preceito “Ama o teu próximo como a ti mesmo” (Gl 15,14)²⁹⁹.

Em suma, a catequese é vista na EG como aquele momento eclesial onde se explica a realidade da cruz e do sofrimento. Catequese não é e nem deve ser lugar de entretenimento. É um momento sério da escola da fé. Ela é crescimento, é aprofundamento, é descoberta e configuração com Cristo.

²⁹⁵ Cf. B. B. dos SANTOS, *Evangelizar com Papa Francisco*, 25.

²⁹⁶ Cf. A. O. de MORAES, “Catequese hoje”, 266.

²⁹⁷ Cf. FRANCISCO, EG, nº 160, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1087.

²⁹⁸ Cf. A. O. DE. MORAES, “Catequese hoje”, 266.

²⁹⁹ Cf. FRANCISCO, EG, nº 161, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1087.

3.1. Uma catequese querigmática e mistagógica

A educação religiosa e a catequese estão ao serviço do crescimento na fé. Devem educar-se na fé os filhos, jovens e adultos, para um crescimento que desperte o amor ao próximo, que leve ao compromisso com a comunidade e com a sociedade. Nem tudo na vida da Igreja deve ser chamado de catequese. Esta está relacionada com o primeiro anúncio ou a primeira evangelização³⁰⁰. O primeiro anúncio, ou querigma, na catequese tem um papel crucial, em ordem à renovação eclesial e à atividade da evangelização. O querigma faz-nos crer em Jesus Cristo, que, com a sua paixão, morte e ressurreição, nos comunica o amor e a misericórdia infinita do Pai³⁰¹. O anúncio querigmático tem como objetivo suscitar a fé e levar a uma conversão inicial³⁰².

Toda a formação cristã é um constante aprofundamento do querigma, para a obtenção das respostas que o coração humano inquieto procura³⁰³. O primeiro anúncio requer, hoje, características indispensáveis: que exprimam o amor de Deus como esteio de toda a nossa perfeição moral ou religiosa, porque Deus amou-nos sem sermos perfeitos; que não imponha a verdade, mas que eduque para a liberdade, uma liberdade que traga alegria, que dê estímulo e vitalidade³⁰⁴; que promova uma experiência dentro da Igreja, pois paulatinamente a catequese conduz o homem a uma experiência com Cristo e com a Igreja³⁰⁵. Da parte do evangelizador requer-se o seguinte: mais proximidade, mais abertura para o diálogo, muita paciência, acolhimento, um coração generoso, em vez de juízo condenatório³⁰⁶. Na iniciação mistagógica é preciso valorizar a liturgia, os ritos e sinais, o que passa também pelo anúncio da palavra, de modo a que toda a pessoa vá crescendo na vida comunitária. Anunciar Cristo não é só mostrar que Cristo é verdadeiro e justo, é sobretudo mostrar que Cristo pode mudar

³⁰⁰ Cf. *Ibidem*, 267.

³⁰¹ Cf. FRANCISCO, EG, nº 164, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1088.

³⁰² Cf. A. O. de MORAES, “Catequese hoje”, 267.

³⁰³ Cf. FRANCISCO, EG, nº 165, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1089.

³⁰⁴ Cf. *Ibidem*, nº 165, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1089.

³⁰⁵ Cf. A. O. de MORAES, “Catequese hoje”, 271.

³⁰⁶ Cf. FRANCISCO, EG, nº 165, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1089.

as nossas vidas para melhor, pois mesmo no meio de tantas atribuições e provações, Cristo revela a beleza infinita do amor do Pai³⁰⁷.

Em suma, tanto a mistagogia como o querigma estão ao serviço da renovação eclesial. De modo especial podemos constatar que o querigma tem algumas características que lhe são próprias. Essas características passam em primeiro lugar pela não imposição da verdade; pela ajuda de maior aprofundamento do encontro com Cristo e por último uma maior proximidade. A mistagogia vem valorizar ainda mais a liturgia, levando-nos a uma maior compreensão do mistério da morte e ressurreição de Jesus.

3.2. O acompanhamento pessoal

Acompanhar é uma arte. Nem todos têm essa capacidade de ajudar os outros. O Papa Francisco diz-nos que a Igreja tem de olhar para o mundo com um olhar solidário, para contemplar o outro e comover-se diante da miséria do outro, respeitar, encorajar a crescer e amadurecer na união com Deus e com a comunidade³⁰⁸. O acompanhamento espiritual tem um único objetivo que é o de fazer a pessoa descobrir a beleza de Deus na sua vida, único caminho para alcançar a plena liberdade³⁰⁹. A pessoa humana é relação e constrói-se e realiza-se na relação que estabelece com o outro. Esta intersubjetividade deve ser cultivada, cuidada e construída, não cai do céu³¹⁰. Sem o outro não conseguiremos autorrealizar-nos. O outro tira-me de mim mesmo, liberta-me do meu fechamento³¹¹. Alguns querem levar uma vida longe de Deus, mas viver longe de Deus faz-nos ser órfãos, desamparados, sem saber para onde ir.

O acompanhamento será contraproducente, caso leve a pessoa a afastar-se cada vez mais de Deus. O objetivo é conduzir a uma união cada vez mais íntima com Deus. O

³⁰⁷ Cf. *Ibidem*, nº 167, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1090.

³⁰⁸ Cf. *Ibidem*, nº 169, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1091.

³⁰⁹ Cf. *Ibidem*, nº 170, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1091.

³¹⁰ Cf. L. P. PÁDUA, “O ser humano, centro da *Evangelii gaudium*”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii Gaudium em questão. Aspecto bíblicos, teológicos e pastorais*, Paulinas-PUC-Rio, São Paulo-Rio de Janeiro, 2014, 266.

³¹¹ Cf. L. P. PÁDUA, “O ser humano, centro da *Evangelii gaudium*”, 137.

acompanhamento é ajudar o outro a fazer escolhas certas que edificam, que levam a realização pessoal. E a Igreja, como mãe e auxiliadora, ajuda os seus filhos a ser mais livres no amor.

A Igreja precisa de escutar mais que falar. É na escuta que se dá um verdadeiro encontro espiritual, sobretudo uma escuta respeitosa e compassiva, que leva ao encontro de um caminho para um crescimento na fé. A escuta leva a despertar a vontade de reconhecer os dons de Deus na nossa vida, ajuda-nos a sermos maduros e capazes de assumir compromissos com liberdade e responsabilidade, e a saber dar tempo para que demos bons frutos³¹².

A pessoa é convidada a crescer na sua liberdade, com responsabilidade e capacidade de amar e de deixar-se amar³¹³. Quem acompanha deve saber que cada pessoa é um mistério que está diante de si, com uma história que ninguém consegue desvendar a partir do exterior! O que há a fazer é convidar a pessoa a amar a Cristo e abraçar a realidade de Deus na sua vida, aceitar também a cruz e, por fim, despertar nela a confiança, a abertura e a vontade de crescer³¹⁴. A pessoa humana anseia por Deus, único que pode completá-la e realizá-la plenamente, ela tem sede de Deus, e esta sede não se sacia com qualquer proposta alienante, mas sim com uma proposta eficaz, concreta, ou seja, mediante a descoberta de Jesus Cristo, único que pode saciar toda a sede que existe na pessoa humana³¹⁵.

Em suma, a EG fala de acompanhamento como ajuda a descobrir o amor e a beleza de Deus. Ele ajuda cada cristão, e não só, a viver mais íntimo a Deus. Essa tarefa de ajuda é a Igreja que a deve assumir numa atitude de humildade e paciência para com aqueles ou aquelas que lhe são enviados.

³¹² Cf. FRANCISCO, EG, nº 171, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1091.

³¹³ Cf. L. P. PÁDUA, “O ser humano, centro da *Evangelii gaudium*”, 136.

³¹⁴ Cf. FRANCISCO, EG, nº 172, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1092.

³¹⁵ Cf. L. P. PÁDUA, “O ser humano, centro da *Evangelii gaudium*”, 143.

CAPÍTULO IV

Linhas de espiritualidade nos capítulos 4º e 5º da EG

A vida cristã assenta sobre propostas concretas. Tem que ver com os compromissos social que cada cristão é chamado a assumir com generosidade. Para responder a esses compromissos cada cristão é chamado a viver em maior intimidade com Cristo, procurando cada dia alimentar a sua fé. A espiritualidade cristã ganha a sua visibilidade, quando amamos sobretudo os mais pobres da sociedade, vivendo e praticando a justiça, e procurando o bem comum que são sinais da presença do Reino de Deus no nosso meio. É nesta linha que a EG apresenta a espiritualidade como uma realidade dinâmica, ativa na contemplação que chama a comunhão solidária.

1. Aproximação à noção de espiritualidade cristã

A espiritualidade cristã é definida como uma experiência de encontro com Jesus que leva cada mulher e cada homem a uma maior comunhão com Deus e com os irmãos, até ao ponto de conduzir à santidade de vida³¹⁶. Ela tem o seu modo de ser na Palavra revelada e na própria tradição da Igreja bem como no poder transformado do Espírito de Jesus³¹⁷.

São Paulo, na sua carta aos Coríntios, diz que não recebemos um espírito que vem do mundo, mas sim, um Espírito que vem de Deus e que nos transforma interiormente pela Sua Graça. (cf. 1 Cor 2,12). A espiritualidade cristã encontra a sua força vital na ação salvadora de Deus em Jesus Cristo, presente na Igreja e transmitida pela Palavra e pelos sinais sacramentais³¹⁸. A espiritualidade cristã nasce e estrutura-se a partir dos eventos salvadores que são vividos na fé da Igreja, em especial o encontro com Jesus Ressuscitado. Aí reside sua originalidade e

³¹⁶ Cf. L. R. e MELO, *Vento sopra onde quer: notas de espiritualidade*, Editorial A. O, Braga, 2001, 21.

³¹⁷ Cf. *Ibidem*, 21.

³¹⁸ Cf. S. GAMARRA, *Teología Espiritual*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2ª edição, 2007, 35.

riqueza³¹⁹. Por isso, a espiritualidade cristã, como caminho para os outros, requer o homem com espírito aberto ao mundo e comprometido com ele, transcendendo suas próprias fronteiras; está direcionado para os outros e atua no mundo para amar os outros³²⁰. O cristianismo vê o amor como uma resposta ao amor primeiro de Jesus (cf. Mt 22,39). A espiritualidade cristã é a espiritualidade de amor gratuito, fruto do amor de Deus para conosco e de nós para com o próximo.³²¹ Nesta gratuidade há uma entrega mútua, de Deus para conosco e de nós para com os irmãos.

No mistério da encarnação, o Filho de Deus assume um corpo, um espaço, uma história e um tempo³²². E é em torno da história, do tempo e do espaço que gira a espiritualidade cristã.

O Papa Francisco propõe uma espiritualidade que transforma a vida eclesial e a vida social, uma espiritualidade missionária que nos coloca em movimento³²³. O mais importante de tudo é saber que a espiritualidade cristã apoia-se no Senhor Ressuscitado, Senhor do tempo e da história³²⁴.

O Papa Francisco, sendo Jesuíta, está marcado pela espiritualidade inaciana³²⁵. Podemos reconhecer no seu texto alguns elementos que marcam esta espiritualidade. Primeiro surge a consciência agradecida do Dom, a gratuidade, a certeza de uma fé inabalável num Deus que é amor pessoal e fiel, que cria e redime³²⁶. Segundo, a experiência da gratuidade do perdão, este perdão que Deus concede em Jesus crucificado e ressuscitado, a pura misericórdia de Deus que é amor, um amor que salva e restitui à vida³²⁷. O terceiro elemento, tem a ver com o discernimento de espíritos: discernir tudo aquilo que é comunicado à nossa consciência,

³¹⁹ Cf. Cf. *Ibidem*, 35.

³²⁰ Cf. Cf. *Ibidem*, 35.

³²¹ Cf. Cf. *Ibidem*, 35.

³²² D. IZUZQUIZA REGALADO, “La espiritualidad que propone *Evangelii gaudium* para la necesaria transformación eclesial y social”, 31.

³²³ Cf. *Ibidem*, 26.

³²⁴ Cf. *Ibidem*, 32.

³²⁵ Cf. T. MESSIAS, “A nova evangelização na Exortação Apostólica a Alegria do Evangelho”, 72.

³²⁶ Cf. *Ibidem*, 73.

³²⁷ Cf. *Ibidem*, 73.

sabendo o que vem de Deus ou não, tendo consciência que, por vezes, a nossa interioridade bloqueia-nos e impede-nos de abrimo-nos ao que acontece no mundo³²⁸.

Podemos dizer que a espiritualidade inaciana é uma espiritualidade que encontra nos exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola as suas bases. Nesta espiritualidade a pessoa é transformada pela graça da contemplação que vê o mundo radicado em Deus, com um olhar de fé e gratidão e lê a história numa atitude grata, repleta do amor de Deus que, uma vez acolhido transforma, em reciprocidade entre amado e Amante³²⁹.

Em suma: é comum apresentar a espiritualidade cristã como vida sob a ação do Espírito³³⁰. A vida espiritual e a vida no Espírito são apresentadas como a mesma realidade³³¹. A espiritualidade unifica toda a dimensão da vida: Deus, o homem, a morte, o universo, a história e, esta unificação da dimensão da vida acontece dentro dos parâmetros ou virtudes teológicas da fé, da esperança e do amor³³². A espiritualidade cristã é resultado dessa integração; não como um programa que responde a um desejo ou uma aspiração³³³. Espiritualidade cristã é vida vivida. Esta estruturação é feita a partir da fé, da maturidade da fé ou da vida teológica. Tudo deve ser consistente com a realidade teológica da pessoa³³⁴.

2. A dimensão social da evangelização e da espiritualidade cristã

O Papa Francisco fala duma espiritualidade cristã que chama à comunhão solidária, à fecundidade missionária, que cura, liberta e preenche de paz e vida, essa espiritualidade de que fala o Papa Francisco leva-nos a criar propostas que humanizam e libertam a pessoa humana da sua situação miserável³³⁵. A espiritualidade cristã é uma espiritualidade encarnada,

³²⁸ Cf. *Ibidem*, 74.

³²⁹ Cf. *Ibidem*, 75.

³³⁰ Cf. S. GAMARRA, *Teología Espiritual*, 36.

³³¹ Cf. Cf. *Ibidem*, 36.

³³² Cf. Cf. *Ibidem*, 37.

³³³ Cf. Cf. *Ibidem*, 38.

³³⁴ Cf. Cf. *Ibidem*, 38.

³³⁵ Cf. FRANCISCO, EG, nº 89, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1057.

porque tem que ver com o concreto da vida humana na sua relação com Deus e com o próximo. O maior mal espiritual da Igreja do nosso tempo é a autorreferencialidade, o clericalismo e a mundanidade espiritual que se escondem por detrás de uma aparência religiosa mas que no fundo são atitudes de quem ama a Igreja de Cristo mas busca mais a própria glória do que a do Senhor³³⁶. Daí que a evangelização com espírito requer uma tarefa de discernimento das tentações mundanas³³⁷. A autorreferencialidade impede-nos de viver o amor³³⁸. O que anima a missão da Igreja, disse o Papa Francisco, é uma espiritualidade de saída contínua³³⁹. Esta espiritualidade de saída contínua encoraja a uma atitude de peregrinação contínua através dos vários deserto da vida, através de várias experiências de fome, sede de verdade e justiça, até fazer cada mulher e cada homem, sequiosos de infinito, encontrarem o caminho que conduz à pátria definitiva, que está pendente entre o «já» e o «ainda não» do Reino dos Céus³⁴⁰.

A EG convida-nos dar tudo o que temos e somos no processo da evangelização, nosso tempo e nosso entusiasmo³⁴¹. Dar tudo o que temos e somos é próprio de quem encontrou Cristo e recebeu a promessa duma vida plena na leitura orante da Palavra, na Eucaristia, e na comunidade com os irmãos³⁴².

A evangelização tem um cunho social forte, toda sua ação desenrola-se numa comunidade onde, no centro, está o Evangelho. É fruto também de uma vivência comunitária e social: Jesus passou fazendo o bem e tudo aquilo que Ele fez foi para nós Boa Nova. Fê-lo no contexto social do seu tempo, por isso, o Papa Francisco vem dizer-nos que a evangelização tem um sentido moral porque qualquer ação evangelizadora tem seu centro no

³³⁶ Cf. *Ibidem*, nº 93, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1059.

³³⁷ Cf. *Ibidem*, nº 94, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1059.

³³⁸ Cf. V. R. AZCUY, “«Evangelización con espíritu» (EG 261): la unidad de la teología, la espiritualidad y la pastoral al servicio del anuncio del Evangelio”, *Revista Teología*, UCA, v. 50, nº 144 (Agosto 2014) 80.

³³⁹ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões, a missão no coração da fé cristã*, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20170604_giornata-missionaria2017.html

Consultado a 14 de setembro de 2019 às 12: 51.

³⁴⁰ Cf. *Ibidem*, Consultado a 14 de setembro de 2019 às 12: 59.

³⁴¹ Cf. V. R. AZCUY, “«Evangelización con espíritu» (EG 261): la unidad de la teología, la espiritualidad y la pastoral al servicio del anuncio del Evangelio”, 80.

³⁴² Cf. *Ibidem*, 81.

amor, que se faz doação aos outros. A isso chamamos de caridade³⁴³. Jesus fazia tudo por amor. A fé cristã, toda ela é existencial³⁴⁴. Tem implicação na vida concreta. O que traz a felicidade para qualquer ser humano é a sua entrega ao outro por amor.

A fé move-nos, coloca-nos em ação. Viver para o outro é o caminho para que haja maior felicidade e equidade social, onde podemos criar uma civilização trinitária³⁴⁵, que promova a solidariedade social e comunitária, até ao ponto de sentirmo-nos verdadeiros irmãos. Jesus, ao assumir a nossa condição, levou-nos ao centro do coração de Deus. A sua redenção tem um sentido social porque Ele redimiu as nossas relações. Por isso, as nossas relações devem ser relações de mulheres e homens que experimentaram o amor de Deus. É Deus que nos toca e faz-nos mover pela fé³⁴⁶. Sentir-se salvo para poder levar a mesma salvação aos outros e fazê-los descobrir o amor de Deus só é possível pela obra do Espírito que cria em nós as condições para ir ao encontro do outro.

A espiritualidade é um motor que move a vida, desperta os nossos sentidos e nos motiva a transformar de modo profundo a nossa vida e a vida eclesial e social³⁴⁷. A espiritualidade cristã tem o seu fundamento na ressurreição do Senhor Jesus Cristo, dono do tempo e da história³⁴⁸. A espiritualidade que a EG nos propõe é por sua natureza comunitária, eclesial e missionária³⁴⁹. O Pai, ao dar-nos o Espírito Santo, fez nascer no nosso meio uma nova forma de convivência, essa convivência foi possibilitada por Jesus, Aquele que nos abriu a vida trinitária e nos faz tomar parte nela³⁵⁰. A Trindade relembra-nos que somos criados para construir a comunhão com Deus e que essa comunhão se realiza na relação com o outro, porque precisamos do outro para nossa autorrealização como pessoa humana; sozinhos não

³⁴³ Cf. FRANCISCO, EG, nº 177, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1093.

³⁴⁴ Cf. D. TERRA, *A gramática da fé cristã*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2015, 15.

³⁴⁵ Cf. E. CAMBÓN, *A Trindade modelo social*, Cidade Nova, Roma, 2001, 216.

³⁴⁶ Cf. D. TERRA, *A gramática da fé cristã*, 15.

³⁴⁷ Cf. D. IZUZQUIZA REGALADO, “La espiritualidad que propone *Evangelii gaudium* para la necesaria transformación eclesial y social”, 32.

³⁴⁸ Cf. *Ibidem*, 32.

³⁴⁹ Cf. *Ibidem*, 34.

³⁵⁰ Cf. E. CAMBÓN, *A Trindade modelo social*, Cidade Nova, Roma, 2001, 219.

conseguiremos salvar-nos³⁵¹. Devemos confessar que temos a necessidade dos outros e que o Espírito Santo atua em nós para nos ajudar a partilhar, a trabalhar e a fazer comunhão. Diz o Papa Francisco que: “Confessar que o Espírito Santo atua em todos implica reconhecer que Ele procura permear toda a situação humana e todos os vínculos sociais”³⁵².

A espiritualidade encontra sua coerência e o seu objetivo na missão³⁵³. Por isso, o Papa Francisco nota que muitas vezes a vida espiritual tantas vezes não corresponde com exatidão à missão à qual foi chamada e confunde-se com alguns momentos religiosos que dão uma certa segurança, mas que no fundo não proporcionam aquele encontro com o próximo, nem proporcionam o compromisso com a sociedade e com evangelização. Por isso, o Papa Francisco aponta três males que estão na base dessa vivência espiritual: o individualismo, a crise de identidade e a falta de fervor³⁵⁴.

Num mundo globalizado, ao mesmo tempo isolado, diz o Papa Francisco que temos a necessidade de descobrir e transmitir a mística de vivermos juntos, misturarmo-nos, encontrarmo-nos, abraçarmo-nos, apoiarmo-nos. Isso leva-nos a viver uma verdadeira experiência da fraternidade³⁵⁵. Viver na mística de proximidade, leva-nos a ampliar o nosso interior para sermos agraciados com os bens mais sublimes que o Senhor tem para nos oferecer³⁵⁶.

A Igreja é o lugar por excelência onde perpassa a mística de vivermos juntos, porque para qualquer carisma, a sua autenticidade perpassa pela sua eclesialidade, a sua capacidade de se integrar na vida do povo Santo de Deus para o bem de todos e para a paz no mundo³⁵⁷. A Igreja tem uma grande responsabilidade naquilo que diz e faz, em suas práticas e seus discursos³⁵⁸. É no dizer e fazer que criamos a confiança nas pessoas. Desta forma, disse o

³⁵¹ Cf. FRANCISCO, EG, nº 178, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1094.

³⁵² *Ibidem*, nº 178, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1094.

³⁵³ Cf. P. SUESS, *Dicionário da Evangelii gaudium: 50 palavras-chaves para uma leitura pastoral*, 74.

³⁵⁴ Cf. FRANCISCO, EG, nº 78, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1052.

³⁵⁵ Cf. *Ibidem*, nº 87, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1057.

³⁵⁶ Cf. *Ibidem*, nº 272, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1129.

³⁵⁷ Cf. *Ibidem*, nº 130, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1074.

³⁵⁸ Cf. P. SUESS, *Dicionário da Evangelii gaudium: 50 palavras-chaves para uma leitura pastoral*, 73.

Papa Francisco que a fraternidade mística, contemplativa, cura-nos a todos porque leva-nos a ver Deus em cada ser humano³⁵⁹. Essa forma de agir que consiste em colocar os outros em primeiro lugar, cura muitas feridas na nossa comunidade. Disse o Papa Francisco que na nossa sociedade vai crescendo muita simpatia por uma “espiritualidade do bem-estar sem comunidade, por uma teologia de prosperidade sem compromissos fraternos ou por umas experiências subjetivas sem rostos, que se reduz a uma busca interior imanentista”³⁶⁰.

Entre o anúncio da salvação e a amor fraterno existe um laço inseparável, porque a Palavra de Deus convida-nos a fazer o bem sem olhar para o rosto daquele a quem o fazemos. Sem olhar para o rosto, é não fazer aceção de pessoas. Quando adotamos o plano que Deus tem para cada um de nós, a nossa vida realiza-se humanamente³⁶¹. Tudo aquilo que fazemos aos outros é a Deus que o fazemos: “Sempre que fizestes isto a um dos meus irmãos mais pequeninos, a mim o Fizestes.” (Mt 25,40). Tem que haver uma saída de nós mesmos para o irmão que precisa de nós³⁶². Responder ao amor de Deus é responder às necessidades do outro que está ao nosso lado ou daqueles que estão longe.

Devemos antes de mais procurar o essencial na nossa vida que é o Reino do Deus da verdade e da justiça e confiar na bondade de Deus (cf. Mt 6,33). Somos chamados a fazer a experiência do paraíso aqui na terra. O que transforma a nossa vida não são as tecnologias ou relações funcionais. O que transforma a nossa vida é deixarmo-nos ser apanhados pelo amor de Deus que quer tornar-nos participantes da sua divindade³⁶³.

Em suma, podemos dizer que a EG apresenta a espiritualidade cristã como uma espiritualidade que tem um sentido social forte no que toca o amor ao próximo e à entrega a esse amor com todo o empenho. A espiritualidade cristã na EG é toda ela dinâmica, voltada para o outro, embora precisa de momentos de encontro com o Senhor para restaurar a

³⁵⁹ Cf. FRANCISCO, EG, nº 92, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1059.

³⁶⁰ *Ibidem*, nº 90, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1058.

³⁶¹ Cf. E. CAMBÓN, *A Trindade modelo social*, Cidade Nova, Roma, 2001, 216.

³⁶² Cf. FRANCISCO, EG, nº 179, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1094.

³⁶³ Cf. E. CAMBÓN, *A Trindade modelo social*, Cidade Nova, Roma, 2001, 219.

amizade. Esse momento encontra-se na oração. A espiritualidade cristã é fruto da ressurreição do Senhor, que convoca-nos a sair de nós ao encontro dos outros.

3. A preferência pelos pobres

Não amemos com palavras nem com a boca, mas com obras e com verdade (cf. 1 Jo 3, 18). São essas palavras da primeira Carta de São João que inspirou o Papa Francisco na sua mensagem para o dia mundial dos pobres no dia 19 de novembro de 2017. Para o Papa Francisco são as nossas obras concretas que medem o que realmente valem ao olho do mundo³⁶⁴. Jesus fez-se pobre e sempre se aproximou dos mais pobres e marginalizados. Cada cristão, onde quer que se encontra, é chamado a ser promotor dos mais necessitados das nossas sociedades e, para que isso aconteça, é preciso estar atento à voz e clamor dos mais pobres³⁶⁵. Ouvir a voz do pobre é fruto da graça de Deus em nós. É com amor e alegria que se evangelizam os pobres. Jesus é exemplo claro disso, quando estremeceu de alegria sob a ação do Espírito Santo por Deus se revelar aos pequeninos (cf. Lc 10, 21).

O pobre é a preferência de Deus. Deus está com os pobres e os pobres amam a Deus. Eles têm maior abertura ao relacionamento com Deus³⁶⁶. Amar os pobres é amar também a Deus. O amor é uma resposta e não admite alibis porque é praticado a exemplo de Jesus. Devemos amar como Jesus amou, sobretudo quando somos chamados a amar os pobres³⁶⁷.

É mais fácil mostrar indiferença, do que partilhar as nossas riquezas com os outros. As nossas riquezas são as nossas seguranças, por isso é difícil abandoná-las. Jesus convida-nos a dar de comer aos pobres à nossa volta, os que estão sentados no relvado das nossas ruas:

³⁶⁴ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial dos pobres, não amemos com palavras, mas com obras*, 19 de novembro de 2017, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html Consultado a 17 de agosto de 2019, às 16:02.

³⁶⁵ Cf. FRANCISCO, EG, nº 187, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1098.

³⁶⁶ Cf. P. SUESS, *Dicionário da Evangelii gaudium*, 139.

³⁶⁷ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial dos pobres, não amemos com palavras, mas com obras*, 19 de novembro de 2017, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html Consultado a 17 de agosto de 2019, às 16:10.

“Dai-lhe vós mesmo de comer” (Mc 6, 37); aqui está a verdadeira solidariedade, ajudar a comunidade a priorizar o bem de todos, em vez de promover a apropriação dos bens por parte de alguns³⁶⁸. A Igreja desde cedo teve a preocupação de velar pelos pobres. A comunidade dos Atos dos Apóstolos é um exemplo claro dessa preocupação da Igreja nascente quando Pedro pede para se escolher sete homens cheios do Espírito e de sabedoria (cf. At 6, 3), que assumam o serviço de assistência aos pobres. Este serviço corresponde ao ensinamento principal do Mestre que tinha proclamado os pobres bem-aventurados e herdeiros do Reino dos céus (cf. Mt 5, 3). Somos chamados a estender a mão aos pobres, a encontrá-los, fixá-los nos olhos, abraçá-los, para lhes fazer sentir o calor do amor que rompe o círculo da solidão³⁶⁹.

Evangelizar os pobres é antes de mais deixar-se tocar por Deus. “Em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus, que quis chamar-nos para cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito”³⁷⁰. É o Espírito que nos faz sair de nós mesmo, para ir ao encontro dos mais pobres. A nova evangelização é reconhecer os pobres e fazê-los ocupar o lugar central na Igreja de Jesus Cristo³⁷¹. Muitas vezes, os pobres sentem-se abandonados, reclamando a nossa solidariedade negada³⁷². Os cristãos são chamados a cuidar dos mais pobres, a velar pelo seu bem-estar emocional e material e lutar para que eles tenham vez e voz na sociedade e sintam em casa. No mundo, às vezes, são rejeitados os que não têm bens. Os pobres merecem sempre a nossa assistência. A nossa disponibilidade para com os pobres não deve ser uma prática semanal ou de gestos improvisados de boa vontade para pôr a consciência em paz com Deus, não; devemos criar um clima de um verdadeiro encontro com

³⁶⁸ Cf. FRANCISCO, EG, nº 188, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1099.

³⁶⁹ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial dos pobres, não amemos com palavras, mas com obras*, 19 de novembro de 2017, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html
Consultado a 17 de agosto de 2019, às 18:02.

³⁷⁰ FRANCISCO, EG, nº 12, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1024.

³⁷¹ Cf. P. SUESS, *Dicionário da Evangelii gaudium*, 140.

³⁷² Cf. *Ibidem*, 139.

eles, criar espaço para partilhar a nossa vida com eles, onde a oração e a conversão encontram, na caridade uma prova autêntica da nossa vivência evangélica³⁷³.

Hoje em dia, na nossa sociedade, só têm valor aqueles que têm riqueza. Somos muitas vezes avaliados de acordo com as posses que temos. Esquecemo-nos de que no coração de Deus se encontram os pobres, e que o próprio Deus fez-se pobre para nos salvar. O Salvador nasceu entre animais, sinal de pobreza, como acontece com as famílias mais pobres, que não têm muitas condições; até a oferta no templo foi de duas pombinhas, sinal de que não podiam comprar um cordeiro (cf. Lc 4,24). Jesus cresceu num lar simples onde tinha que trabalhar para ganhar o seu sustento de cada dia. A eles pertence o reino de Deus: “Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus.” (Lc 6,20).

É urgente deixarmo-nos evangelizar pelos pobres; às vezes vivemos muito mergulhados nas nossas coisas e esquecemos a presença dos pobres no meio de nós. A nova evangelização surge como um convite a reconhecer os pobres e a promovê-los, pondo-os no centro da vida da Igreja. Com efeito somos chamados a descobrir Cristo neles, não só a sermos advogados deles, mas também amigos deles, a escutá-los, compreendê-los e acolher através deles muitas graças e sabedorias que Deus nos quer comunicar³⁷⁴. Portanto, sem o amor verdadeiro e fiel ao pobre, o nosso testemunho evangélico torna-se um discurso oco e sem vida. Com este objetivo de amor e preferência pelos pobres, o querer e o fazer coincidem. Encontrar Jesus na pessoa que sofre é a chave da misericórdia cristã. Não se trata de uma questão moral, mas é uma questão de fé em Cristo³⁷⁵. A parábola de bom samaritano dá-nos uma ideia clara daquilo que é experimentar na pele o sofrimento do outro (cf. Lc 10, 29-37). Prefigurado na pessoa do pobre, é o próprio Jesus que nos encontra pelos caminhos da vida. Estar atento aos pobres

³⁷³ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia Mundial dos Pobres, não Amemos com Palavras, mas com Obras*, 19 de novembro de 2017, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html
Consultado a 17 de agosto de 2019, às 17:17.

³⁷⁴ Cf. FRANCISCO, EG, nº 198, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1103.

³⁷⁵ Cf. W. KASPER, *A misericórdia. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida Cristã*, Princípia, Cascais, 2015, 183.

constitui a missão da Igreja³⁷⁶. Viver deste modo, na entrega pelos mais pobres, provoca em nós aquela serenidade de espírito, porque tocamos com as nossas mãos a carne de Cristo no Pobre³⁷⁷.

Em suma, na EG, o pobre assume um rosto concreto, onde o irmão é chamado a levar até ao pobre não só a mensagem de salvação, mas também alimento para o corpo, o pão que dá vida e sustento. O pobre é o rosto de Cristo figurado em cada um daqueles que sofrem e estão privados dos seus direitos, a quem é negado o necessário para viver com dignidade. A EG lança o desafio concreto de irmos até eles, tirá-los da miséria e pô-los à nossa mesa e partilhar connosco do nosso pão, promovendo-os. É por isso, que o Papa Francisco nos apela a não amarmos só com palavras, mas sim com obras.

4. O bem comum e a paz social

O bem comum conjuga-se com a paz. Vivemos numa sociedade em que cada indivíduo pensa mais em si mesmo e procura realizar-se da melhor forma que poder, esquecendo-se dos demais. Neste sentido, o bem não seria comum mas sim, individual: eu cá sou feliz, quero lá saber do outro. Isso, nada tem a ver com a categoria solidariedade e com a paz social. Quando não há partilha, haverá sempre pequenos conflitos que vão nascer dentro do tecido social³⁷⁸. Nesse sentido, o bem comum seria um conjunto de bens individuais, faltando a referência à dimensão ética e objetiva e transcendente do bem comum.³⁷⁹ Quando não há transcendência, ou seja, quando Deus deixa de ser referência, os homens tropeçam mutuamente, guerreiam entre si à procura de dominarem-se uns aos outros.

³⁷⁶ Cf. A. COUTO, *Os desafios da nova evangelização*, Paulus, Lisboa, 2014, 52.

³⁷⁷ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial dos pobres, não amemos com palavras, mas com obras*, 19 de novembro de 2017, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html
Consultado a 17 de agosto de 2019, às 17:28.

³⁷⁸ Cf. S. BARTOLOMEO, *Introducción a la doctrina social de la Iglesia*, Ed.Sal Terrae, Loyola, 2017, 171.

³⁷⁹ Cf. *Ibidem*, 171.

O bem comum é de todos e de cada um ao mesmo tempo, é um bem indivisível que só se pode obter com o compromisso comum, porque, ao mesmo tempo, transcende e realiza o bem pessoal de cada um³⁸⁰. A pessoa só se realiza na sociedade com certas condições que permitam a sua realização. Todos somos chamados a não cair na indiferença, somos chamados a conquistar a paz, relacionando-nos bem com os outros, agindo solidariamente com todos³⁸¹. A indiferença tem algumas características que levam a própria pessoa a sentir-se indiferente quanto à existência de Deus. Isso, muitas vezes, provoca rotura no relacionamento com o próximo e com a própria criação. A indiferença provoca fechamento e, sem interesse, é menor a nossa contribuição na construção duma paz firme e duradoura³⁸². A indiferença só é vencida quando olhamos para aquele que se encontra no nosso lado, construindo uma sociedade mais justa e mais humana e mais fraterna³⁸³.

A pessoa é intrinsecamente social. A sociedade humana é uma comunidade, e não um conjunto de seres humanos que vivem de forma individualista. Existe uma estreita relação entre o bem que a pessoa possui e o bem dos demais³⁸⁴. É por isso que o bem comum consiste em maior produção de bens e bem-estar económico e nos serviços proporcionado pelo Estado³⁸⁵. O bem comum congrega todas as condições de vida material para o bem do desenvolvimento humano. No entanto, não pode deixar de abrir-se aos outros bens que também são necessária para o aperfeiçoamento humano³⁸⁶. É aperfeiçoando-nos que se constrói a fraternidade humana. Construir a fraternidade é fruto dum esforço comunitário. Por isso, a fraternidade torna-se caminho para a paz³⁸⁷. Toda mulher e todo homem é chamado a

³⁸⁰ Cf. *Ibidem*, 172.

³⁸¹ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para a celebração do XLIX dia mundial da paz*, 1º de janeiro de 2016, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20151208_messaggio-xlix-giornata-mondiale-pace-2016.html
Consultado a 09 de agosto de 2019 às 10: 19.

³⁸² Cf. *Ibidem*. Consultado a 09 de agosto de 2019 às 10: 21.

³⁸³ Cf. *Ibidem*. Consultado a 09 de agosto de 2019 às 10: 24.

³⁸⁴ Cf. S. BARTOLOMEO, *Introducción a la doctrina social de la Iglesia*, 172.

³⁸⁵ Cf. *Ibidem*, 173.

³⁸⁶ Cf. *Ibidem*, 173.

³⁸⁷ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para a celebração do XLVII dia mundial da paz*, 1º de janeiro de 2014, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papafrancesco_20131208_messaggio-xlvii-giornata-mondiale-pace-2014.html

fazer da fraternidade a sua dimensão essencial. Sendo ela ou ele um ser relacional, cada mulher e cada homem deve criar essa consciência de ser relacional. Isso leva cada mulher e cada homem a tratar cada pessoa como uma verdadeira irmã e um verdadeiro irmão³⁸⁸. Sem essa consciência de dimensão relacional, torna-se difícil a construção duma sociedade fraterna e justa, duma paz firme e duradoura³⁸⁹.

A paz é fruto do Espírito Santo. Fala-se muito de amor e alegria, mas não podemos esquecer a paz, sobretudo aquela paz que o Senhor nos dá: “Deixo-vos a paz; dou-vos a minha paz. Não é como a dá o mundo que Eu Vo-la dou” (Jo 14,27). A paz que o mundo oferece é uma paz momentânea. A paz que vem de Deus é uma paz segura, que dá estabilidade e garantia, faz compreender que o mundo é lugar da partilha e do amor e não de ódio e vingança.

O Papa apresenta quatro princípios que estão relacionados entre si e que são fundamentais para que haja paz e desenvolvimento na convivência social, onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum. O primeiro princípio: “o tempo é superior ao espaço”. Segundo o Papa Francisco existe uma tensão entre o limite e a plenitude. A plenitude é esta vontade de tudo querer, a nossa realização máxima; o limite é a barreira, o muro, os obstáculos que aparecem pela frente³⁹⁰. Este princípio permite uma ação a longo prazo, sem haver preocupação com os resultados imediatos; ajuda a suportar com paciência as contrariedades da vida, convidando-nos a assumir a tensão entre limite e plenitude, privilegiando o tempo; dar muita importância ao espaço é proceder sem saber esperar e querer ver os resultados logo à vista, é não saber esperar o momento certo, porque o tempo ordena os espaços e transforma o espaço de tal forma que cria novos dinamismos na sociedade e compromete outras pessoas e grupos, sem cair na ansiedade, mas com firmeza e clareza³⁹¹.

Consultado a 15 de agosto de 2019 às 18: 47.

³⁸⁸ Cf. *Ibidem*. Consultado a 15 de agosto de 2019 às 18: 49.

³⁸⁹ Cf. *Ibidem*. Consultado a 15 de agosto de 2019 às 19: 12.

³⁹⁰ Cf. FRANCISCO, EG, nº 222, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1111.

³⁹¹ Cf. *Ibidem*, EG, nº 223, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1111.

Muitas vezes estamos preocupados em obter resultados rápidos em vez de nos preocuparmos com a plenitude humana. Este processo é muito importante na evangelização. Nosso Senhor disse aos discípulos que havia coisas que só compreenderiam quando o Espírito Santo fosse enviado (cf. Jo 16, 12-13). A parábola do trigo e joio (cf. Mt 13, 24-30) ensina a saber esperar até à plenitude, para poder vencer o mal pela raiz; a evangelização é saber esperar os resultados que às vezes não são imediatos: nós plantamos, mas o outro é que colhe o fruto.

O segundo princípio: “a unidade prevalece sobre o conflito”. O conflito é uma realidade, ele existe. Não podemos ficar só nos conflitos, senão podemos perder o horizonte da realidade e a unidade profunda da mesma³⁹². Somos chamados a resolver os conflitos, não passar à frente ou entrar neles de olhos fechados: “Felizes os pacificadores” (Mt 5,9). O Papa Francisco reforça essa busca de comunhão dizendo que é possível fortalecer a comunhão na diversidade, quando olhamos para aquilo que é mais importante, sem ficar no superficial, quando olhamos para o outro e reconhecemos a sua dignidade. Isto ajuda na construção da paz social e restabelece uma amizade profunda entre as pessoas, porque a unidade é superior ao conflito³⁹³. Cristo unificou na sua pessoa toda a realidade: “céu e terra, Deus e homem, tempo e eternidade, carne e espírito, pessoa e sociedade”³⁹⁴. Esta unificação deu-se, porque Cristo é a paz, reconciliação, unidade, verdade.

A paz é possível porque o príncipe do mundo foi derrotado pelo Príncipe da Paz, Nosso Senhor Jesus Cristo: “pacificando pelo sangue da sua cruz” (cf. Col 1,20) A paz é um dom de Deus. Deus confia sua paz a todos os homens e mulheres, que são chamados a realizá-la³⁹⁵.

O terceiro princípio: “A realidade é mais importante do que a ideia”. O Papa Francisco tem consciência clara que existe uma ligação próxima entre a ideia e a realidade. A realidade

³⁹² Cf. *Ibidem*, EG, n° 226, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1112.

³⁹³ Cf. *Ibidem*, EG, n° 228, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1113.

³⁹⁴ FRANCISCO, EG, n° 229, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1113.

³⁹⁵ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para a celebração do XLIX dia mundial da paz*, 1º de janeiro de 2016, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20151208_messaggio-xlix-giornata-mondiale-pace-2016.html

Consultado a 09 de agosto de 2019 às 10: 09.

é o que é, a ideia está a fazer-se, a construir-se; o que devemos é evitar que a ideia se distancie da realidade³⁹⁶. As ideias devem estar ao serviço da compreensão da nossa realidade³⁹⁷. Às vezes temos uma ideia e a realidade está longe: isto nota-se muito na evangelização: Vamos fazer, costuma dizer-se, mas a verdade é que esta expressão é muito vaga e abstrata, e fica-se só na ideia, não se concretizando nada na realidade.

O anúncio da Palavra é essencial à evangelização, porque leva-nos a valorizar a história da Igreja como história da salvação para nós, lembrando-nos de todos aqueles que nos antecederam na vivência do Evangelho, sobretudo os santos, que estimaram a rica tradição da Igreja. Também isso nos leva a viver a Palavra e realizar boas obras de justiça e caridade, porque não viver a Palavra é construir sobre areia os nossos projetos e ficar só com a ideia, paralisando o nosso dinamismo³⁹⁸.

O último princípio é: “O todo é superior à parte”. A nossa realidade interpela-nos, o nosso dia-a-dia deve levar-nos a uma dimensão global, sem perder de vista a realidade local, para podermos ter noção real das realidades que nos cercam. O Papa reforça a ideia do todo ser superior à parte, dizendo que por vezes vivemos um constante universalismo abstrato, admirando os fogos-de-artifício do mundo, e também nos transformamos em museu folclórico de eremitas locais, condenados à repetição, incapazes de saborear a beleza de Deus para além das nossas fronteiras existenciais³⁹⁹. Porque estamos muito limitados, temos que alargar horizontes, para podermos reconhecer bens maiores que trazem vantagens para todos nós, e fazer coisas ao nosso alcance com uma visão ampla⁴⁰⁰. O Evangelho tem uma dimensão universal e deve ser anunciado a todos.

Em suma, se queremos uma sociedade mais justa, mais fraterna e mais humana, isso só é possível quando respeitamos o bem comum e procuremos contruir uma paz firme e duradoura. Ficamos com a ideia de que a paz e o bem comum andam juntos. Na EG, Papa

³⁹⁶ Cf. FRANCISCO, EG, nº 230, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1113.

³⁹⁷ Cf. R. L. ZANINI, “«Interpretações metodológico-pastorais à luz da *Evangelii Gaudium*»”, 329.

³⁹⁸ Cf. FRANCISCO, EG, nº 233, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1114.

³⁹⁹ Cf. *Ibidem*, nº 234, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1115.

⁴⁰⁰ Cf. *Ibidem*, nº 235, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1115.

Francisco deixa pistas para uma maior vivência dos homens na sociedade. Estas pistas assentam naqueles quatro princípios que acabamos de salientar e que são cruciais para construir uma sociedade justa e também, ajudam-nos a sermos realistas e a trabalharmos com as ferramentas que temos em mão. A paz é uma aspiração profunda de todo ser humano, de toda a raça, sobretudo de quantos padecem e sentem a sua falta⁴⁰¹. A paz é fruto duma cultura que assenta seus princípios na solidariedade fraterna, misericórdia e compaixão⁴⁰².

5. Dinâmicas de “Evangelização com Espírito

Evangelizar com espírito implica, sobretudo, um amadurecimento que implica tanto a vida espiritual pessoal como a vida comunitária e institucional⁴⁰³. Evangelizar com espírito resume a tarefa fundamental de cada batizado⁴⁰⁴.

Para o Papa Francisco, evangelizar com o espírito é abrir-se sem receio à ação do Espírito Santo, reconhecer os limites da nossa capacidade, confiando na força do Espírito Santo que nos faz sair de nós mesmos, como fez com os Apóstolos no dia de Pentecostes, fazendo-os anunciar com alegria a novidade do Evangelho⁴⁰⁵. Evangelizar com espírito implica maturidade espiritual na pessoa e na própria comunidade⁴⁰⁶. É preciso, disse o Papa, que a motivação interior que nos impele e motive, tenha a sua origem no Espírito Santo. Por isso é que se diz uma realidade tem “espírito”, porque tem sal, tem sabor, tem sentido, tem motivo da sua existência, não é um fazer que paralisa a comunidade, mas sim um fazer que

⁴⁰¹ Cf. FRANCISCO, *Mensagem para a celebração do 51º dia mundial da paz*, 1º de janeiro de 2018, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20171113_messaggio-51giornatamondiale-pace2018.html

Consultado a 16 de agosto de 2019 às 14: 09.

⁴⁰² Cf. *Ibidem*, Consultado a 16 de agosto de 2019 às 14: 14.

⁴⁰³ Cf. V. R. AZCUY, “«Evangelización con espíritu» (EG 261): la unidad de la teología, la espiritualidad y la pastoral al servicio del anuncio del Evangelio”, 79.

⁴⁰⁴ Cf. *Ibidem*, 79.

⁴⁰⁵ Cf. FRANCISCO, EG, nº 259, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1123.

⁴⁰⁶ Cf. V. R. AZCUY, “La «trama interna» de *Evangelii gaudium*, ensayo sobre la fuerza de la espiritualidad evangelizadora”, 423.

faz a comunidade viver na alegria do Espírito Santo⁴⁰⁷. A evangelização com espírito convida-nos a integrar a espiritualidade e a ação pastoral, a vida de oração a missão e o amor a Deus e ao seu povo⁴⁰⁸. Uma realidade única, porque o Espírito Santo é fonte da unidade na diversidade⁴⁰⁹.

A evangelização com espírito, para ser anúncio de vida plena para toda a humanidade deve ser uma evangelização sobretudo para com aqueles que sofrem. Isso requer uma espiritualidade integradora capaz de superar todas as contrariedades da vida espiritual⁴¹⁰. Às vezes as nossas atividades missionárias não têm sabor nenhum porque o que está no centro somos nós mesmos. É preciso superar tudo aquilo que nos impede de amar com um coração livre. O cristão é chamado ao discernimento, para reconhecer a obra do Espírito na história⁴¹¹. Neste sentido, evangelizar com espírito é sentir que essa tarefa é um mandato que veio do Senhor e não senti-la como uma obrigação pesada, mas sim como suave tarefa feita por amor⁴¹².

O Papa Francisco não quis desenvolver os grandes temas da espiritualidade cristã como a oração, a celebração da fé ou a adoração eucarística, dado que o Magistério falou muito sobre esses temas, mas o Papa quer mostra-nos que aqueles que evangelizam com espírito, são aqueles que rezam e trabalham. É no trabalhar e rezar que assenta a evangelização com espírito⁴¹³.

Portanto, vejamos alguns componentes da evangelização com espírito. Primeiro, a oração. A evangelização não é uma atividade meramente humana, é uma atividade divina, porque é o próprio Cristo que evangeliza⁴¹⁴. Segundo, a contemplação. Contemplar com amor tudo aquilo que nos motiva a anunciar o Evangelho. É urgente recuperar o espírito

⁴⁰⁷ Cf. FRANCISCO, EG, nº 261, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1124.

⁴⁰⁸ Cf. V. R. AZCUY, “«Evangelización con espíritu» (EG 261): la unidad de la teología, la espiritualidad y la pastoral al servicio del anuncio del Evangelio”, 79.

⁴⁰⁹ Cf. *Ibidem*, 93.

⁴¹⁰ Cf. *Ibidem*, 79.

⁴¹¹ Cf. V. R. AZCUY, “La «trama interna» de *Evangelii gaudium*, ensayo sobre la fuerza de la espiritualidad evangelizadora”, 423.

⁴¹² Cf. FRANCISCO, EG, nº 261, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1124.

⁴¹³ Cf. *Ibidem*, nº 262, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1124.

⁴¹⁴ Cf. B. B. DOS SANTOS, *Evangelizar com Papa Francisco*, 30.

contemplativo, que nos permite descobrir todos os dias que nós somos depositário de um bem que humaniza⁴¹⁵. Terceiro, a intercessão. Orar pelo outro, agradecer e louvar a Deus pelo outro, a missão é também interceder pelo outro⁴¹⁶. Corremos o risco de cair numa espiritualidade desencarnada da realidade; às vezes na evangelização fazemos propostas muito espirituais, mas desprovidas do compromisso social e missionário. Acontece também com os discursos muito abstratos e espirituais que não têm nenhuma implicação prática na vida das pessoas. A espiritualidade do Papa Francisco é uma espiritualidade de fé, confiança, abertura, encontro⁴¹⁷.

A Igreja tem que manter sempre aquele empenho de ajudar os seus filhos a uma prática orante com a Palavra, privilegiando os momentos diante do Santíssimo Sacramento, evitando aquelas práticas de fé de uma espiritualidade muito intimista e individualista sem compromisso comunitário, levando alguns a não sair da sua zona de conforto⁴¹⁸. A motivação principal que está na base da evangelização é o amor, mas um amor que se faz dom, porque recebemos de Jesus, que nos amou primeiro e nos indicou o caminho para alcançar e viver o amor, um amor que nos faz sentir salvos e amados⁴¹⁹.

É mediante a ação do Espírito Santo que cada cristão anuncia o Evangelho. Desta forma ele está a ser evangelizador com espírito ao serviço da verdade de Jesus que é o amor⁴²⁰. Jesus é a nossa força e a razão de sentirmo-nos chamados a sair. Se isso faltar, temos que pedir-lhe que tenhamos coragem de responder com generosidade ao apelo de ir espalhar a Boa Nova. É preciso amar. É preciso sentir-se tocado pelo amor, para podermos ir ao encontro do outro, por isso, disse o Papa Francisco, é urgente recuperar um espírito contemplativo, que nos ajude

⁴¹⁵ Cf. FRANCISCO, EG, nº 264, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1125.

⁴¹⁶ Cf. B. B. DOS SANTOS, *Evangelizar com Papa Francisco*, 30.

⁴¹⁷ Cf. S. ZAMBONI, “Evangelizzatori con Spirito”, *Rivista di teología morale*, nº 181 (2014) 41.

⁴¹⁸ Cf. FRANCISCO, EG, nº 262, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1125.

⁴¹⁹ Cf. *Ibidem*, nº 264, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1125.

⁴²⁰ Cf. V. R. AZCUY, “La «trama interna» de *Evangelii gaudium*, ensayo sobre la fuerza de la espiritualidad evangelizadora”, 423.

a descobrir cada dia que em nós foi depositado um bem que salva, que humaniza, que dá sentido à vida do outro⁴²¹.

O Evangelho é a resposta para muitos problemas profundos da vida das pessoas, o Evangelho impele-nos a viver um amor mais fraterno e a uma relação de amizade com Jesus⁴²². Jesus é o centro de todas as nossas atividades missionárias. Com Ele sentimos que a nossa tarefa tem razão de ser. Com Ele não nos cansamos, encontramos sentido para as coisas, ficando tudo mais fácil⁴²³. A nossa maior glória está na sua cruz e a evangelização existe para dar graças a Deus que nos ama⁴²⁴. A missão de evangelizar com espírito consiste em descobrir a alegria que vem de Deus e levar esta mesma alegria às pessoas. A evangelização é uma paixão por Jesus que leva automaticamente a uma paixão pelo seu povo⁴²⁵. Para manter vivo o ardor missionário é preciso confiar no Espírito Santo, que dá vigor e força à nossa debilidade (cf. Rm 8,6).

Em suma, aquilo que nos motiva a evangelizar tem que vir de dentro. Evangelizar com espírito é estar e encontrar-se preparado interiormente para aceitar o desafio que a realidade apresenta. Não temos mérito nenhum, nem ganhamos nada com isso, apenas ganhamos pessoas para Cristo. Portanto, a vida cristã é vida no Espírito Santo que motiva e nos faz sair às periferias da sociedade e da vida.

⁴²¹ Cf. FRANCISCO, EG, n° 261, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1126.

⁴²² Cf. *Ibidem*, n° 265, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1126.

⁴²³ Cf. *Ibidem*, n° 266, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1127.

⁴²⁴ Cf. *Ibidem*, n° 267, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1127.

⁴²⁵ Cf. *Ibidem*, n° 268, in AAS 105 (6 Decembris 2013) 1128.

Conclusão

Ao terminar esta investigação sobre a nova evangelização na *Evangelii gaudium*, podemos dizer que este trabalho ajudou-nos a perceber a complexidade daquilo que nós chamamos nova evangelização. A nova evangelização é, na verdade, levar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo a toda a criatura humana. Esta saída para anunciar o Evangelho é fruto dum grande acontecimento na história do povo cristão, a que nós chamamos de ressurreição. Sem a ressurreição de Jesus, a nossa pregação e tudo aquilo que nos motiva a sair seria em vão. Assim sendo, a nova evangelização é um levar o Evangelho sempre de forma nova e atualizada. Ela é também um compromisso a assumir com afinco e determinação. É também uma forma nova de estar na Igreja, usando novos métodos e novas formas de dizer e fazer a pastoral, uma pastoral voltada para as pessoas.

A expressão nova evangelização foi pela primeira vez usada pelo Papa São João Paulo II em Nowa Huta, onde, na simplicidade das suas palavras, ele apela para uma forma nova de anunciar a eterna novidade do Evangelho. O Evangelho é uma pessoa: Jesus Cristo. O Evangelho confronta hoje sociedade secularizada. A mensagem evangélica deve transformar a realidade humana e cultural de cada povo. Neste dinamismo, a nova evangelização não pretende criar coisas novas, ou inventar outro Cristo. Não é isso. Cristo é sempre o mesmo. Salienta ainda São João Paulo II que é preciso viver o Evangelho de forma nova e renovada. Recorrer a novos métodos e novas formas de acompanhar a evolução duma sociedade que está numa evolução imparável. Com as novas tecnologias, a Igreja e o Evangelho sentem a necessidade de acompanhar a evolução social. A nova evangelização é destinada sobretudo àqueles que duma forma ou outra, abandonaram a sua fé ou práticas sacramentais frequentes. O Papa São João Paulo II entendia a nova evangelização como um processo que ajuda a despertar a fé naqueles que estão adormecidos. Empenhar forças eclesiais para levar a cabo

esse processo. Nenhum batizado fica de fora no processo de evangelização. O Papa São João Paulo II apela ainda a uma mais íntima união com o Senhor, para ganhar coragem e força para poder anunciar com afinco a novidade do Evangelho.

O Papa emérito Bento XVI, na sua linguagem mais refinada, fala do amor como caminho que devemos fazer para chegar ao outro, porque o amor é alma da missão. A nova evangelização é descobrir a vontade de Deus. Este é um dos grandes problemas da sociedade atual. Procurar o imediato, aquilo que dá resultados rápidos e satisfatórios. O Papa emérito Bento XVI notou que todos nós precisamos de descobrir e cumprir aquilo que agrada a Deus, sobretudo procurando o interesse dos mais necessitados da sociedade. Qualquer projeto social que tenha como objetivo a nova evangelização tem que ter a pessoa humana no centro. Tanto o Papa São João Paulo II como o Papa emérito Bento XVI concebiam a nova evangelização como uma missão de saída, indo ao encontro daqueles que perderam a fé.

A novidade veio com o Papa Francisco. Quando dizemos novidade, queremos afirmar que ele trouxe à Igreja um novo ardor. Gestos proféticos que falam por si só. Caminhar, edificar, confessar, são três verbos usados pelo Papa Francisco para concretizar este processo de evangelização. A Igreja caminha, num espírito sinodal, edifica sobre Cristo, pedra angular, e confessa aquilo que professa. A misericórdia é outra chave da evangelização. A misericórdia abre novos caminhos, une o homem a Deus e transforma o homem por dentro. A alegria é fruto de quem já experimenta a misericórdia do Senhor na sua vida, agora espalha esta mesma alegria aos outros.

A nova evangelização preocupou a Igreja sobretudo nos últimos anos em que esta sentiu a necessidade de dar respostas às várias inquietações e desafios a que é chamada a responder. Olhando para a EG, publicada a 24 de novembro de 2013, afirmamos que ela tem um carácter programático. A EG convida a Igreja a uma conversão profunda nos vários aspetos da sua estrutura: pastoral, institucional, social. A EG põem a Igreja numa atitude de saída. Uma saída que requer antes de tudo uma saída de si mesma, da sua autorreferencialidade para poder

dialogar com a diferença. A Igreja precisa sobretudo duma conversão interna. A EG é um convite a pensar e repensar a Igreja no mundo atual à luz do Evangelho. O Evangelho ilumina todo aquele que quer uma conversão séria. Por esta razão, que o Papa Francisco convida-nos a renovar o nosso compromisso com Jesus Cristo, e recomeçar de novo. Recuperar o frescor do Evangelho.

É nesta dinâmica que podemos entender a Igreja como missionária. Podemos dizer, que o Papa Francisco faz um forte apelo a uma renovação eclesial e pessoal em Cristo para que todas as nossas atividades, missionárias e pastorais tenham sucesso e deem frutos que prolongam no tempo. O Papa Francisco chama atenção para uma conversão pastoral e eclesial séria.

O Papa Francisco apresenta a catequese como um dos meios privilegiados, que tem um caráter mais formativo, porque se preocupa com a formação humana e espiritual dos fiéis. O outro meio referido é a homilia que tem um caráter mais celebrativo. E ela só acontece dentro duma celebração eucarística. Na homilia privilegia-se o diálogo entre Deus e seu povo. Nesse diálogo, o povo vai encontrando sustento e força na palavra do pregador que o motiva a sair e ir ao encontro do outro. Por isso, afirmamos que a vida cristã assenta sobre propostas concretas, não numa mera idealização de projetos. A ação dos cristãos e a salvação de Deus começam hoje. Os cristãos são chamados segundo a EG a responder com o concreto da vida para poderem socorrer todos aqueles que precisam de sair da miséria em que se encontram.

Por esta razão, concluímos que nenhum batizado fica de fora desta tarefa nobre da evangelização. É uma missão própria dos batizados, chamados a viverem e a testemunharem a sua fé com audácia. Nesta mesma linha, podemos concluir que a nova evangelização só acontece quando sentimos que pertencemos a um corpo que é a Igreja e neste corpo somos chamados a renovar hoje o nosso compromisso com Cristo ressuscitado. Concluímos dizendo, ainda, que há uma necessidade urgente de voltar para Cristo e experimentar a misericórdia de Deus para poder saborear o frescor original do Evangelho.

Sendo assim, ficamos com a percepção clara que não basta conhecer a realidade. É preciso amar a realidade que nos rodeia. Amar, requer que estejamos repletos de Cristo, configurados com Ele e com Ele tomar parte na alegria de anunciar o Evangelho. A alegria é uma forma de evangelizar e esta é a missão da Igreja, irradiar a alegria que brota do encontro e do deixar-se encontrar com Cristo. Sem a alegria não há evangelização.

Olhando para a realidade social podemos concluir que a nova evangelização depara-se com desafios concretos que afetam a Igreja. Esses desafios são de ordem temporal: a cada tempo a sua preocupação. Aquilo que afeta a Igreja de modo geral são as contrariedades, as incoerências nas vivências da fé. Podemos concluir que aquilo que é apresentado como desafios para a nova evangelização, tanto na pastoral como na vida social, são males nossos, fruto dos nossos pecados e dos outros. Por isso, o mundo materializado confunde o discípulo de Cristo e muitas vezes leva-o a um certo mundanismo espiritual, clericalismo, que põem a Igreja a correr riscos, a pôr a sua credibilidade em causa.

Concluimos que é preciso um discernimento evangélico para podermos curar muitos males sociais. Apontamos a secularização, as novas tecnologias a ciência, a migração, a globalização, como alguns dos desafios da nova evangelização. A globalização e a migração deveriam unir mais as culturas, mas pelo contrário, geram um mal-estar social, onde por vezes não se saber respeitar a diferença cultural, religiosa. A ciência e a tecnologia são os novos ídolos da sociedade, escravizam as nossas vontades de tal forma que ficamos dependentes deles, e muitas vezes enfraquece a relação humana e familiar e até pastoral. No meio de tudo isso, é preciso anunciar Cristo.

A linguagem da nova evangelização deve ser Cristo. A EG reforça e ideia indo mais fundo dizendo é preciso voltar à raiz, diríamos nós, voltar ao primeiro amor que é Cristo.

Nesta ótica, concluimos que a Igreja nunca deve perder o horizonte da sua missão. E chegamos à conclusão que esta é a sua tarefa fundamental. Por isso, a vida missionária assenta sobre uma espiritualidade que dinamiza a vida social e chama a comunhão e partilha. Nesta

linha, a EG, sublinha uma espiritualidade encarnada em atos concretos, que tem repercussão social muito forte. Não basta fazer projetos que ficam só no pensamento. Não esqueçamos, a realidade é maior do que ideia. O Papa Francisco defende a realidade. Sobretudo a questão do bem comum. Faz um apelo forte a uma economia que regasta o homem e a mulher da sua miséria mais profunda. O Papa Francisco, tendo consciência clara de que o descarte tornou-se uma realidade evidente, apela ao amor incondicional aos mais pobres da sociedade. Cuidar dos mais pobres é cumprir e viver o Evangelho e responder à necessidade do irmão que pede o socorro do pão para seu corpo esmagado pela tirania duma sociedade injusta e desumana, que se preocupa mais com o lucro do que com as pessoas.

Neste trabalho, há alguns temas que não foram muito desenvolvidos tais como: o desafio no mundo atual e o acompanhamento pessoal. A própria EG acaba por falar sobre a questão dos desafios na pastoral que são de certo modo, os desafios da sociedade em geral.

Assim, numa perspetiva futura, podemos dizer é preciso levar mais em consideração o essencial e também não aprisionar os nossos sonhos numa gaveta. Sonhemos porque a Igreja é futuro e o futuro constrói-se hoje. É neste contexto que, olhando para o futuro da pastoral, achamos que é pertinente aprofundar mais esta questão da nova evangelização sem medo e com confiança de que o Senhor está sempre connosco. E dar novas oportunidades e criar novos projetos dentro da Igreja, sempre em união de espírito para que a Igreja seja sinal visível de comunhão entre os batizados.

Bibliografia

I - FONTES

Bíblia Sagrada: versão dos textos originais. 6ª Ed., Difusora Bíblica, Lisboa, 2016.

II - DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *Nova Evangelização para a Transmissão da Fé Cristã Instrumentum Laboris*, 7-28 de outubro de 2012, em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.html

BENTO XVI, *Homilia na Santa Missa para a conclusão dos Sínodo dos Bispos*, 28 de outubro de 2012, em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121028_conclusionone-sinodo.html

BENTO XVI, *Meditação durante a oração da hora tércia na inauguração dos trabalhos do Sínodo dos Bispos*, segunda-feira 8 de outubro de 2012, em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20121008_meditazione-sinodo.html

BENTO XVI, *Homilia na Santa Missa para a abertura do Sínodo dos Bispos*, domingo 7 de outubro de 2012, em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121007_apertura-sinodo.html

BENTO XVI, *Carta Apostólica em forma de «motu proprio» Ubicumque et Semper*, 21 de setembro de 2010, em w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20100921_ubicumque-et-semper.html

BENTO XVI, *Mensagem para o LXXX dia missionário mundial, a caridade, alma da missão*, 22 de outubro de 2006, em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/missions/documents/hf_ben-xvi_mes_20060429_world-mission-day-2006.html

CONCÍLIO DO VATICANO II, *Constituição Dogmática Lumen Gentium*, in AAS 57 (30 Ianuarii 1965) n° 1, 5-71.

FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões, batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo*, 20 de outubro de 2019, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20190609_giornata-missionaria2019.html

FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões-juntamente com os jovens, levemos o Evangelho a todos*, 21 de outubro de 2018, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papafrancesco_2018052_giornata-missionaria2018.html

FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial dos pobres, não amemos com palavras, mas com obras*, 19 de novembro de 2017, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html

FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões, a missão no coração da fé cristã*, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20170604_giornata-missionaria2017.html

FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões-igreja missionária, testemunha de misericórdia*, 15 de maio de 2016, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20160515_giornata-missionaria2016.html

FRANCISCO, *Mensagem do santo padre francisco para a celebração do XLIX dia mundial da paz*, 1º de janeiro de 2016, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20151208_messaggio-xlix-giornata-mondiale-pace-2016.html

FRANCISCO, *Litterae Apostolicae Sub Plumbo Datae Misericordiae Vultus*, in AAS 107 (1 Maii 2015) n° 5, 399-420.

FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões*, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20150524_giornata-missionaria2015.html

FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões*, 8 de junho de 2014, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papafrancesco_2014060_giornata-missionaria2014.html

FRANCISCO, *Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium*, in AAS 105 (6 Decembris 2013) n° 12, 1019-1137.

FRANCISCO, *Mensagem para o dia mundial das missões*, 20 de outubro de 2013 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20130519_giornata-missionaria2013.html

FRANCISCO, *Discurso aos participantes na plenária do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização*, segunda-feira 14 de Outubro de 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papafrancesco_20131014_plenaria-consiglio-nuova-evangelizzazione.html

FRANCISCO, *Homilia na Santa Missa com os Cardeais*, quinta-feira, 14 de março de 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130314_omelia-cardinali.html

FRANCISCO, *Primeira saudação bênção apostólica “Urbi et Orbi”*, quarta-feira 13 de março de 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html

JOÃO PAULO II, *Litterae Apostolicae Novo Millennio Ineunte*, in AAS 5 (3 Maii 2001) n° 5, 266-309.

JOÃO PAULO II, *Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Vita Consecrata*, in AAS 88 (13 Maii 1996) n° 5, 377-486.

JOÃO PAULO II, *Litterae Encyclicae Veritatis Splendor*, in AAS 85 (9 Decembris 1993) n° 107, 1133-1218.

JOÃO PAULO II, *Litterae Encyclicae Redemptoris Missio*, in AAS 83 (8 Aprilis 1991) 249-340.

JOÃO PAULO II, *Litterae Encyclicae Chistifideles Laici*, in AAS 81 (14 Aprilis 1989) n° 34, 393-521.

JOÃO PAULO II, *Discurso na abertura da XIX Assembleia do CELAM*, 9 de março de 1983, em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html

JOÃO PAULO II, *Adhortatio Apostolica Catechesi Tradendae*, in AAS 71 (31 Octobris 1979) n° 14, 1278-1340.

JOÃO PAULO II, *Homilia no Santuário da Santa Cruz Mogila*, 9 de junho de 1979, em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790609_polonia-mogila-nowa-huta.html

III - ESTUDOS

AMADO, J. P., “*Evangelii gaudium*: alguns aspectos para sua leitura”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii gaudium em questão. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*, Paulinas-PUC-Rio, São Paulo-Rio de Janeiro, 2014, 27-32.

ANDRADES LEDÓ, F. J., “El «linguaje» pastoral de *Evangelii gaudium*”, *Corintios XIII. Revista de teología y pastoral de la caridad*, Cáritas Española, Madrid, n° 153 (Enero-Marzo 2015) 65-83.

AUGUSTIN, G., *Por uma Igreja em saída*, Paulinas, Prior Velho, 2016.

AZCUY, V. R., “«Evangelización con espíritu» (EG 261): la unidad de la teología, la espiritualidad y la pastoral al servicio del anuncio del Evangelio”, *Revista Teología*, UCA, vol. 50, n° 144 (Agosto 2014), 73-93.

AZCUY, V. R., “La «trama interna» de *Evangelii gaudium*, ensayo sobre la fuerza de la espiritualidad evangelizadora”, *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, vol. 46, n° 130 (Set/Dez 2014) 407-431.

BARBOSA, A. G., *A nova evangelização*, Paulinas, Lisboa, 1994.

BRESSAN, L., “O que é a nova evangelização”, *Pastoral Catequética*, Ano X, n° 28/29 (Jan/Ago 2014) 13-26.

CAMBÓN, E., *A Trindade modelo social*, Cidade Nova, Roma, 2001.

CANTALAMESSA, R., *Horizontes para uma nova evangelização: como na esteira duma barca*, Paulus, Lisboa, 2013.

- COSTA, A. S., “Anunciar com alegria: Aspectos espirituais da *Evangelii gaudium*”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii gaudium em questão. Aspecto bíblicos, teológicos e pastorais*, Paulinas-PUC-Rio, São Paulo-Rio de Janeiro, 2014, 147-161.
- COUTO, A., *Os desafios da nova evangelização*, Paulus, Lisboa, 2014.
- FERNANDES, L. A., “Missão e missiologia a partir da *Evangelii gaudium*”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii gaudium em questão. Aspecto bíblicos, teológicos e pastorais*, Paulinas-PUC-Rio, São Paulo-Rio de Janeiro, 2014, 277-308.
- FLORISTÁN, C., *Para compreender a evangelização*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1997.
- FUMAGALLI, A., *Caminhar no amor: A teologia moral de Papa Francisco*, Paulinas, Prior Velho, 2018.
- GAMARRA, S., *Teología Espiritual*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2ª edição, 2007.
- GILOT, F. R. dos S., “Em busca da significação teológica da nova evangelização”, *Itinerarium*, Ano XL, nº 148 (Jan/Abr 1994) 3-40.
- IZUZQUIZA REGALADO, D., “La espiritualidad que propone *Evangelii gaudium* para la necesaria transformación eclesial y social”, *Corintios XIII. Revista de teología y pastoral de la caridad*, Cáritas Española, Madrid, nº 153 (Enero-Marzo 2015) 25-37.
- KASPER, W., “A nova evangelização”, *Pastoral Catequética*, Ano VII-IX, nº 24/25 (Set/Abr 2012/2013) 89-106.
- KASPER, W., *Papa Francisco: Revolução da misericórdia e do amor*, Paulinas, Prior Velho, 2015.
- KASPER, W., *A misericórdia. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida Cristã*, Princípia, Cascais, 2015.
- LIMA, M. de L. C., “A alegria na *Evangelii gaudium*: Aspectos relevantes da teologia do Antigo e Novo Testamento”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii*

gaudium em questão. Aspecto bíblicos, teológicos e pastorais, Paulinas-PUC-Rio, São Paulo-Rio de Janeiro, 2014, 51-61.

MELO, L. R. e, *Vento sopra onde quer: notas de espiritualidade*, Editorial A. O, Braga, 2001.

MESSIAS T., “A nova evangelização na Exortação Apostólica a Alegria do Evangelho”, *Igreja e Missão*, Ano 72, nº 240 (Jan/Abr 2019) 71-98.

MIRANDA, M. de F., “Linhas eclesiológicas da *Evangelii gaudium*”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii gaudium em questão. Aspecto bíblicos, teológicos e pastorais*, Paulinas-PUC-Rio, São Paulo-Rio de Janeiro, 2014, 181-194.

MIRANDA, M. de F., “Evangelizar ou humanizar”, *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, vol. 74, nº 295 (Jul/Set 2014) 219-548.

MORAES, A. O. de, “O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii gaudium*”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii gaudium em questão. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*, Paulinas-PUC-Rio, São Paulo-Rio de Janeiro, 33-48.

PÁDUA, L. P., “O ser humano, centro da *Evangelii gaudium*”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii gaudium em questão. Aspecto bíblicos, teológicos e pastorais*, Paulinas-PUC-Rio, São Paulo-Rio de Janeiro, 135-145.

POLICARPO, J., *Evangelização, anúncio de liberdade*, Multinova, Lisboa, 1975.

REY, D., “A nova evangelização”, *Pastoral catequética*, Ano X, nº 28/29 (Jan/Ago 2014) 27-48.

SANTANA, L. F. R., “Homilia à luz da *Evangelii gaudium*”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii gaudium em questão. Aspecto bíblicos, teológicos e pastorais*, Paulinas-PUC-Rio, São Paulo-Rio de Janeiro, 117-131.

SANTOS, B. B. dos, *Evangelizar com Papa Francisco. Comentário à *Evangelii gaudium**, Paulus, São Paulo, 2014.

SIQUEIRA, J. C. de, “*Evangelii gaudium*: A esperança de uma nova primavera na Igreja”, in J. P. AMADO, L. A. FERNANDES (Orgs.), *Evangelii gaudium em questão. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*, Paulinas-PUC-Rio, São Paulo-Rio de Janeiro, 2014, 23-24.

SORGE, B., *Introducción a la doctrina social de la Iglesia*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2017.

SUESS, P., *Dicionário da Evangelii gaudium: 50 palavras-chaves para uma leitura pastoral*, Paulus, São Paulo, 2015.

TERRA, D., *A gramática da fé cristã*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2015.

ZAMBONI, S., “Evangelizzatori con Spirito”, *Rivista di teología morale*, nº 181 (2014) 39-45.

ZANINI, R. L., “Interpretações metodológico-pastorais à luz da *Evangelii gaudium*”, *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, vol. 75, nº 298 (Abr/Jun 2015) 325-348.

Índice

Siglas e Abreviaturas.....	5
Introdução.....	6
Capítulo I - A nova evangelização: génese de uma expressão.....	9
1. O aparecimento da expressão nova evangelização.....	9
2. O impacto da nova evangelização no magistério dos Papas João Paulo II e de Bento XVI.....	12
2.1. O Papa João Paulo II e a nova evangelização.....	12
2.2. A nova evangelização tratada pelo Papa Bento XVI.....	15
3. A nova evangelização no pontificado do Papa Francisco até à publicação da <i>Evangelii gaudium</i>	18
3.1. Os desafios da nova evangelização.....	21
3.2. A linguagem da evangelização.....	24
Capítulo II - A nova evangelização: crise e compromisso missionário na EG.....	25
1. O contexto histórico em que surgiu a EG.....	25
2. A noção de nova evangelização presente na introdução da EG.....	28
3. Nova Evangelização e transformação missionária da Igreja à luz do Capítulo 1º da EG.....	30
4. Nova evangelização à luz da crise do mundo atual no Capítulo 2º da EG.....	34
4.1. Desafios do mundo atual na EG.....	35
4.2. Desafios na vida pastoral na EG.....	39

Capítulo III - O anúncio explícito do Evangelho na nova evangelização à luz do capítulo 3º da EG.....	43
1. Missão e missiologia a partir da EG.....	43
2. A homilia.....	50
3. A catequese: Aspectos teológicos pastorais na EG.....	54
3.1. Uma catequese querigmática e mistagógica.....	56
3.2. O Acompanhamento pessoal.....	57
Capítulo IV - Linhas de espiritualidade nos capítulos 4º e 5º da EG.....	59
1. Aproximação à noção da espiritualidade cristã.....	59
2. A dimensão social da evangelização e da espiritualidade cristã.....	61
3. Preferência pelos pobres.....	66
4. O bem comum e a paz social.....	69
5. Dinâmicas de “evangelização com Espírito”.....	74
Conclusão.....	78
Bibliografia.....	83
Índice.....	90

